

1612

v.4

V  
1612 v.4

Relatório final

Que se deve saber sobre  
creches



FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS ✓

1993

RELATÓRIO TÉCNICO FINAL<sup>1</sup>

DOTAÇÃO nº 800-0846

O QUE SE DEVE SABER SOBRE CRECHES

Equipe de Pesquisa:

Elvira S. Lima ✓

Fúlvia Rosenberg<sup>2</sup>

Maria Malta Campos<sup>2</sup>

Marlene Goldenstein

Marta W. Grosbaun

Regina Pahim Pinto

Sylvia Cavazin

---

<sup>1</sup> Este relatório está sendo acompanhado por uma fita contendo dois vídeos: "Pajens" e "Encontro de Pajens".

<sup>2</sup> Participaram de todas as fases do projeto.

julho de 1984



## ÍNDICE

Parte I - O Projeto .....	1
Parte II - Arrolamento das atividades desenvolvidas .....	2
Parte III - Balanço final: perspectivas e necessidades .....	16
Parte IV - Anexos .....	20
Anexo 1 - Descrição de atividades .....	21
Anexo 2 - Publicações (vide pasta em separado)	



## PARTE I

### O PROJETO

A execução do projeto "O que se deve saber sobre creches" seguiu uma trajetória original e que redundou, além das ações e dos produtos realizados<sup>1</sup>, no estabelecimento, nessa Fundação, de um núcleo de pesquisa sobre creches.

Essa trajetória própria — que consistiu essencialmente em orientarmos nossa ação principalmente como resposta a demandas de grupos e/ou instituições — fez com que esse relatório significasse, na verdade, a descrição de um corte temporal em nossas atividades, mais do que o fim de um projeto. Com efeito, nesse momento continuamos a executar uma série de atividades que não dependem mais de verbas concedidas pela Fundação Ford, mas que delas se originaram<sup>2</sup>.

Destacamos, a seguir, dois aspectos da realização desse projeto que marcaram sua originalidade: uma postura flexível e uma estratégia visando a implantação de um tema novo.

---

<sup>1</sup> Vide na Parte II o arrolamento das ações e dos produtos realizados.

<sup>2</sup> São elas:

- a) divulgação dos vídeos "Pajens" e "Encontro de Pajens";
- b) publicação sobre a situação e as políticas do atendimento da criança de 0 a 6 anos no Brasil;
- c) publicação sobre creches e pré-escolas no município de São Paulo.



## 1. Flexibilidade

Talvez, o que tenha sido para nós inabitual na realização deste projeto, e que transparece desde a carta de intenções inicialmente enviada à Fundação Ford, foi a procura de uma postura flexível frente às demandas, ou para sermos menos assertivas, frente à percepção que temos tido das demandas no que se ~~se~~ concerne à questão das creches. A particularidade deste projeto (e o que a nível pessoal gerou por vezes ansiedade) é o fato de não nos termos colocado rigidamente um plano detalhado, onde os conteúdos e a forma de apresentar esses conteúdos sobre creche estivessem todos previstos. Ao contrário, desde o início, tanto conteúdos quanto forma de coleta ou apresentação, foram sendo selecionados à medida em que percebíamos uma demanda de grupos, instituições ou mesmo pessoas lidando com a questão da creche no Brasil. Desta forma, nossas ações foram seguindo direções nem sempre anteriormente previsíveis e, outras vezes, ações previstas não foram realizadas na seqüência estipulada, porque outras demandas, que nos pareciam às vezes mais urgentes ou tinham sido provocadas por nossa própria ação, surgiam e foram por nós respondidas<sup>3</sup>. O que teria originado esta nossa postura flexível? Foi ela a mais adequada para responder às necessidades do tema? Não teria sido possível manter uma certa flexibilidade mas atuar dentro de limites mais previsíveis e palpáveis?

---

<sup>3</sup> Havíamos previsto, para o ano de 1983, a produção de materiais com base em conteúdos recolhidos durante 1982. Ora, nesse período fomos solicitadas a fornecer dois tipos de assessoria que canalizaram grande parte de nosso trabalho no ano: a) no 1º semestre, a produção de um documento para o CNRH contendo um diagnóstico sobre atendimento a crianças no país; b) no 2º semestre, a participação, enquanto assessoras, da Comissão Especial de Inquérito sobre Creches, organizada pela Câmara Municipal de São Paulo e que consistiu, além da preparação de depoimentos, na organização e acompanhamento das sessões e na redação de um relatório parcial.



Provavelmente em outro momento histórico e em outro contexto social — com uma tradição acadêmica ou política que permitisse respaldar a reflexão sobre o tema creche — fosse possível desenvolver um projeto com postura ao mesmo tempo flexível e relativamente orientada. Ora, no Brasil, apesar da reivindicação por creche ter crescido nos últimos 10 anos, o tema ainda não tinha se constituído globalmente como objeto de estudos acadêmicos ou de reflexão política. Ou seja, a questão da creche custou para ganhar contornos próprios, autonomia enquanto tema. Por isso mesmo, seu estudo ressentiu-se da falta de um instrumental mínimo de análise que fosse adequado a esta identidade temática, só aos poucos percebida e construída enquanto objeto de conhecimento. Como exemplo, no campo educacional inicialmente e ainda agora, a creche é um tema marginal em relação a outro tema também marginal, que somente há pouco tempo ganha autonomia, que é a pré-escola.

A questão vinha sendo tratada quase que exclusivamente a nível de reivindicação ou denúncia, sendo ainda considerada como pouco relevante para setores ligados à área da Educação. Os trabalhos mais substantivos — de quaisquer naturezas — mesmo a nível de diagnóstico — praticamente inexistem e, mais ainda, não se tinha nem consciência clara sobre as questões pertinentes a serem indagadas: nem nós, da equipe da Fundação Carlos Chagas, nem outras equipes ou grupos. Desse modo, cada questão prática levantada, ou cada problema posto, seja pelos grupos reivindicando creche seja pelas instituições governamentais, não encontrava um acervo conceitual ou de informações capaz de gerar respostas prontas, o que provocava a cada vez, um inves-



timento de tempo na busca de subsídios para respostas<sup>4</sup>.

Esta carência de reflexão acadêmica e política mais substantiva em torno da reivindicação por creches transparece, também, no pequeníssimo número de grupos ou equipes que vêm debatendo a questão de forma constante seja a nível acadêmico, seja dentro dos partidos e grupos políticos ou de movimentos sociais. A nível acadêmico, por exemplo, contamos na verdade com três equipes de pesquisa (Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade de São Paulo — Ribeirão Preto), grupos que se formaram neste mesmo período que o nosso e com quem temos procurado interagir, sempre que possível.

Destes fatos decorreram duas conseqüências para nosso trabalho: falta de apoio conceitual e de informação, que nos pudessem auxiliar como suporte ou ponto de partida<sup>5</sup>; freqüência com que temos sido contatadas por grupos e instituições bastante diversos, seja para trabalhos de assessoria, seja para palestras ou cursos, ou para outras atividades as mais diversas que vão desde orientação informal de tese, até facilitar o uso de instrumentos (VT, filmes, bibliografia) a grupos de população trabalhando e produzindo materiais sobre creche. Isto é, o fato de oficialmente existir na Fundação Carlos Chagas uma

---

<sup>4</sup> Por exemplo, durante a campanha eleitoral de 1982 a reivindicação por creche foi enfaticamente colocada por grupos e incorporada aos programas dos partidos políticos. Posteriormente, no processo de discussão sobre as modalidades de atendimento viáveis, surgiu com muita força a proposta de extensão de creches domiciliares e familiares. Havíamos, anteriormente, percebido alguns problemas bastante sérios, decorrentes desta modalidade de atendimento. Investimos, nesse período, na elucidação de tais problemas, material esse que forneceu subsídios tanto a discussões partidárias quanto aos grupos de mulheres através de sua publicação no jornal Mulherio.

<sup>5</sup> Para que se tenha uma idéia da ausência de materiais de apoio lembramos, por exemplo, que a grande maioria das fotos utilizadas no folheto Creche teve que ser produzida pela própria equipe (mediante contratação de serviços de uma fotógrafa) dada a falta de material fotográfico sobre creches disponível nas diversas agências de fotografia da cidade.



equipe trabalhando com a questão da creche fez com que para aí convergissem solicitações de diversas naturezas. Complementarmente, as ações que temos desenvolvido geram a percepção de novas necessidades e que têm se concretizado em novas solicitações<sup>6</sup>. E finalmente, estas atuações vão modificando nossas percepções sobre este campo, provocando uma reavaliação das necessidades e conseqüentemente de nossos objetivos<sup>7</sup>.

## 2. Estratégia de implantação de um tema novo

Estes três anos de atividades em torno da creche possibilitaram, portanto, que se criasse o germe de um núcleo na Fundação que vem trabalhando sobre o tema de forma contínua, que ao mesmo tempo recebe e difunde informações e um corpo conceitual relativamente articulado através de diferentes tipos e modalidades de ação. É como se o financiamento da Fundação Ford tivesse possibilitado a gestação desse núcleo, oficializado pela existência de uma verba inicial. Esta oficialização acarretou não apenas um reconhecimento interno à Fundação Carlos Chagas (com conseqüências positivas na incorporação da problemática feminina à área da educação), mas também de instituições externas, inclusive agências financiadoras de projetos.

---

<sup>6</sup> Por exemplo, do Encontro Nacional sobre Creches, realizado em 1981, surgiu a proposta, de uma das participantes que na época assessorava um programa de creches diretas em Piracicaba (São Paulo), para que realizássemos um Encontro Estadual de Pajens do Estado e que ocorreu em 1982.

<sup>7</sup> A realização do VT "Pajens" permitiu-nos documentar, de modo flagrante, a alta incidência de negros entre as pajens e as crianças. Este material será utilizado para sensibilizarmos o Coletivo de Mulheres Negras sobre a luta por creches, da qual se encontram, na atualidade, relativamente distantes.



O envolvimento de outras agências no financiamento possibilitou que "esticássemos" ao máximo a duração do projeto inicial (e que desenvolvêssemos uma ação contínua) ao mesmo tempo que permitiu "infiltrar" o tema, sensibilizando setores ainda distanciados.

Esta estratégia de difusão/sensibilização, no intuito de alertar sobre a importância do tema, não se restringiu a agências financiadoras, mas se estendeu aos mais variados setores. Isto ocorreu, por exemplo: na inclusão de técnicos de órgãos governamentais enquanto observadores no Encontro Nacional de Creches (CNPq, MEC, MTb); na apresentação de trabalhos sobre creche em encontros, seminários, publicações que aparentemente não teriam vinculações com o tema (ANPOCS, capítulo sobre creche no livro sobre Educação da Mulher no Brasil); no incitamento a editoras a publicarem textos brasileiros ou traduzidos sobre a questão (Editoras Global e Brasiliense), e até mesmo na proposta à Ciranda dos Livros (programa de difusão de livros para crianças) de estender sua ação para a faixa etária atendida pelas creches e pré-escola. Se essa diversidade de atuações nos pareceu estrategicamente importante, ela acentua ainda mais a aparente dispersão que vem caracterizando nosso trabalho. O que não deixou de nos suscitar inquietude, não apenas quanto à prestação de contas frente à agência financiadora, mas principalmente de ordem ética. Dito de outra forma, esta dispersão de atividades não teria refletido uma incompetência inicial da equipe?

A resposta seria afirmativa se tivéssemos nos contentado com um recorte relativamente estático do tema e que levasse em conta apenas ou os aspectos políticos, ou educacionais, ou psicológicos ou econômicos da questão da creche. Ora, à medida em que vamos trabalhando vamos percebendo muito claramente a interligação dos vários aspectos na



proposta de qualquer intervenção, junto com a necessidade de nos colarmos o máximo possível ao concreto, o que significa, de certa forma, aprender fazendo. Além das produções realizadas no período, é sensação nossa que a equipe se capacitou no sentido de estar apta, hoje, a delimitar esse objeto de estudos e de trabalho de modo integrado e bastante próximo do concreto.



## PARTE II

### ARROLAMENTO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

#### 1. Subprojetos

Concretamente, nosso "modus operandi" no período foi caracterizado pela realização de dois tipos de subprojetos:

- a) aqueles que estiveram sob nossa inteira responsabilidade, que partiram da organização de eventos e resultaram na confecção de produtos (publicações e vídeos), para cuja realização contamos com apoio financeiro de outras agências, além da Fundação Ford;
- b) aqueles que responderam a solicitações de assessorias que resultaram seja na elaboração de relatórios, seja no acompanhamento sistemático de um trabalho.

Quanto ao primeiro grupo de subprojetos, a estratégia que adotamos consistiu em realizar eventos (Encontros) que possibilitassem a grupos compartilhar reflexões e informações sobre suas experiências relativas à questão das creches. Estes materiais produzidos foram registrados de diversas formas, retrabalhados pela equipe de pesquisa e devolvidos aos primeiros participantes e a um público mais amplo, seja sob a forma de publicações ou de vídeo.



Tivemos então os seguintes subprojetos:

EVENTOS	PRODUTOS
Encontro Nacional de Creches (Anexo nº 1.1) Co-financiamento: PATHFINDER FUND. Data: setembro, 1981	Bibliografia: Educação de Crianças de 0 a 6 anos de idade (Anexo nº 1.2) Data: outubro-novembro, 1981 Número Especial do Jornal <u>Mulherio</u> sobre Creches (Anexo nº 2.1) Data: novembro-dezembro, 1981 Folheto <u>Creches</u> (Anexo nº 2.3) Co-financiamento: CNPq Data: novembro de 1982
Encontro Estadual de Profissionais da Creche (Anexo nº 1.2) Co-financiamento: Prefeitura Municipal de Piracicaba Data: junho, 1982	Artigo: "Profissionais da Creche" (Anexo nº 2.5) Data: 1984 Folheto "Trabalhando com Pajens" (Anexo nº 2.4) Data: maio 1984 Vídeos: "Pajens" e "Encontro de Pajens" (Anexo nº 1.4) Co-financiamento: CNPq (Anexo nº 1.4 - descrição dos procedimentos) Data: fevereiro de 1984

Os subprojetos de assessoria foram:

- Centro Nacional de Recursos Humanos (CNRH). Relatório: "Subsídios para elaboração de uma política nacional de atendimento do menor"<sup>8</sup> "A FUNABEM E A FEBEM/SP" (1983).

<sup>8</sup> Este relatório está sendo transformado em publicação para ser divulgada junto a Câmaras Municipais e Prefeituras. Atualmente encontra-se na fase de edição.



- Câmara Municipal de São Paulo: Comissão Especial de In-  
quérito sobre Creches<sup>9</sup> (Anexo 2.9).

---

<sup>9</sup> Os depoimentos prestados na C.E.I. serviram de base à publicação "Creches e Pré-  
-escolas no Município de São Paulo" "que se encontra na fase de composição tipo-  
gráfica (vide Anexo nº 2.9).



## 2. Outras atividades

- Encontro de Educadores Pré-escolares de Aracaju, Aracaju, janeiro, 1981.
- Mesa redonda sobre "Educação: uma questão política", SBPC, Santos, março, 1981.
- Seminário promovido pelo Movimento de Defesa do Menor — São Paulo, junho, 1981.
- Mesa redonda sobre "Políticas Governamentais e a Mulher" — SBPC, Salvador, julho, 1981.
- Treinamento para Diretoras de Creche, Auxiliares de Direção, Técnicos de SURS — SURS de Campo Limpo, julho, 1981.
- Seminário para Administradores de Creche — SENAC — LBA, São Paulo, outubro, 1981.
- Seminário Latino-americano de Metodologias Alternativas. Ribeirão Preto, outubro, 1981.
- Mesa redonda sobre a Condição Política e Social da Mulher — Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, outubro, 1981.
- Encontro sobre creches promovido pelo Sindicato dos Bancários. São Paulo, outubro, 1981.
- Encontro Regional dos Centros de Convivência Infantil. Campinas, outubro, 1981.
- Encontro de Educadores. "A participação dos municípios na Educação pré-escolar". São Paulo, novembro, 1981.
- Grupo de trabalho sobre educação pré-escolar. ANPED, 1981.
- Orientação de dissertação de mestrado de estudantes em pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1981.



- Aula - "A problemática das creches" - curso Mulher e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, novembro de 1981.
- Curso "Berçarista Escolar" organizado pela Cruz Vermelha Brasileira, para formação de pessoal que trabalha em creches e bercários, janeiro de 1982.
- Palestras - "A creche e a mulher trabalhadora" - Associação dos Comissários de Bordo e Aeroviários, São Paulo, maio de 1982.
- Palestra - "A mulher e a educação" (abordando entre outras a questão da creche) - Semana da Mulher, Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, maio de 1982.
- Encontro sobre adoção organizado pelo FEBEM, São Paulo, maio de 1982.
- Palestra - "A problemática das creches" - Instituto da Criança "Professor Pedro de Alcântara" do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, junho de 1982.
- Painel - Aspectos Psicopedagógicos da Educação Pré-Escolar. II Conferência Brasileira de Educação, Belo Horizonte, junho de 1982.
- Palestra - "Psicologia uma profissão feminina" (abordando entre outras a questão da creche) - Semana do psicólogo, Associação dos Psicólogos de Minas Gerais, agosto de 1982.
- I Encontro na cidade de São Paulo sobre a relação creche, mulher, C.L.T., menor, organizado pelo Movimento dos Administradores de Creches Conveniadas da Zona Sul, outubro de 1982.
- Coordenação do grupo de trabalho sobre educação pré-escolar e creches organizado pela ANPEd - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, que se reuniu duas vezes: a primeira reunião ocorreu por ocasião da V Reunião Anual da ANPEd, realizada no Rio de Janeiro, de 10 a 12 de março de 1982; a segunda ocor



reu durante a II Conferência Brasileira de Educação: Os grupos de trabalho de ANPEd visam constituir-se em fóruns especializados para discussão de resultado de pesquisas, problemas relevantes de pesquisa, metodologia, intercâmbio bibliográfico e de estudos realizados, agrupando pesquisadores de várias áreas do país que trabalham em torno de uma mesma temática, dentro da área educacional.

- Conferência da UNESP de Assis, sobre pré-escolas e creches, realizada em 28 de maio de 1982.
- Assessoria a dois grupos de trabalho do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, durante o ano de 1982, a saber: comissão de creches, dentro do grupo de mulheres e comissão interdisciplinar sobre a educação da criança de 0 a 6 anos. Esta assessoria envolveu levantamento de dados, preparação de documentos, exposições orais e participação em reuniões.
- Contatos e visitas realizadas em Berkeley, Califórnia, na última semana de outubro de 1982, por ocasião de uma viagem realizada por Maria Malta Campos com o auxílio da Fundação Fullbright, para participar de um Congresso sobre Educação em Stanford. Nesta semana foi realizado um encontro com a Professora Millie Almy, da UC Berkeley, que permitiu conhecer o trabalho de um grupo de informação e apoio na área de creches, visitar creches locais e levantar referências bibliográficas.
- Encontro de Pesquisadores em Educação, para discussão do tema Educação pré-escolar, organizado pela direção do INEP, em Brasília, dia 12 de agosto de 1982, com a presença do Ministro da Educação, Gen. Rubem Ludwig.



- "Profissionais da Creche". Grupo de trabalho: A Mulher na Força de Trabalho. ANPOCS, Águas de São Pedro, 1983.
- Aula sobre Análise Institucional e criança. Curso de pós-graduação em Pediatria. Faculdade de Medicina USP, 1983.
- "A participação comunitária na pré-escola". Palestra realizada no seminário "Tendências atuais da educação pré-escolar" promovido pelo SENAC em Rio Claro, 23.11.83.
- Debate sobre "mães crecheiras" na SURS de Santo Amaro, São Paulo, 18.10.83, com a presença de diretores e supervisores de creche da Regional de Santo Amaro.
- "A participação comunitária na pré-escola". Palestra realizada no I Congresso Regional de Educação Pré-escolar, promovido pelo SENAC e Prefeitura de Sorocaba. Sorocaba, 26.08.83.
- Mesa Redonda "Pré-escola: um mal necessário?" Centro Acadêmico Paulo Freire/Faculdade de Educação/USP (II Semana de Educação) 29.05.83.
- Encontro Nacional de Educação Pré-escolar — 1983, MEC, Belo Horizonte, 12 a 16 dez. 83. Participação em seminário.
- Sessão de Comunicação Coordenada: "A educação da criança pequena em creches" 36ª reunião SBPC, São Paulo, 07.07.84. Coordenação: Maria Malta Campos; Comunicação "Profissionais de Creche" de Fúlvia Rosemberg.
- Programa RTC-serviços. TV-2, Cultura, São Paulo, 7 espaços das 13:00 às 19:30, sobre o tema Creches, em 04.07.84.
- Programa "Super-grilo". TV-2 Cultura. Creches — Fúlvia Rosemberg (1984) Pré-escola — Maria Malta Campos (1983).
- Palestra sobre creches. I Encontro de Pré-escola promovido pelas entidades. APEOESP, APEEM, ADEPI, ASSFABES, CRP-08. São Paulo, 1984.



- Debate: Intervenção nas Creches — Ciclo de debates sobre intervenção institucional. PUC, São Paulo, 1984.
- Palestra sobre creches. Curso "Direito da Mulher" promovido pela Secção de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil. São Bernardo do Campo, 1984.
- Comissão Especial de Inquérito sobre creches, Depoimentos:
  - o atendimento à criança de 0 a 6 anos no Município de São Paulo;
  - a atuação indireta do poder público junto à faixa etária de 0 a 6 anos, 1984.



### PARTE III

#### BALANÇO FINAL: PERSPECTIVAS E NECESSIDADES

Apesar de darmos por findo o projeto, na verdade formalizamos apenas o término de uma dotação, pois continuamos trabalhando em projeto originado desse tronco inicial e prevemos, para os próximos meses, integrarmo-nos em projetos de outras equipes que, entre outros temas, abordem também a instituição creche.

A participação no projeto "o que se deve fazer sobre creches" permitiu que integrássemos pelo menos dois aspectos de trabalhos que vínhamos desenvolvendo. Em primeiro lugar, uma tentativa de síntese entre interesses anteriores — criança e mulher — educação e mulher — temas sobre os quais vínhamos desenvolvendo pesquisas de forma isolada. Em segundo lugar, permitiu que procurássemos buscar caminhos de divulgação do conhecimento pouco ortodoxos, escapando do circuito especialista.

Por outro lado, a participação nesse projeto permitiu que experimentássemos uma integração entre pesquisa e ação, tendência que expressava um anseio que havia crescido individualmente e se transformava em preocupação coletiva. Na verdade, a realização desse projeto significou experienciar uma forma de pesquisa intervenção, na medida em que procuramos apreender e delimitar um campo de conhecimento ao mesmo tempo em que propomos ações específicas que procu-



ram intervir junto às diversas esferas implicadas no processo (organismos governamentais, populações locais, funcionários de creche etc...).

É exatamente esta vinculação da pesquisa à ação que tem orientado nesses últimos tempos nossas reflexões e instigado certas inquietudes. Principalmente quando a discussão sobre a creche integra-se ao debate geral de estudos e pesquisas sobre a mulher. Esta inquietude tem assumido a forma da percepção de uma certa insegurança ou de desconforto, pelo fato de ainda não termos conseguido sistematizar no nível desejável as experiências concretas, as informações coletadas e as reflexões realizadas.

Se, de um lado, responder às solicitações, atuar no concreto, perceber impactos das intervenções que temos proposto são experiências extremamente gratificantes e vivificantes, por outro resta a insegurança advinda da extensão e complexidade do desconhecido. Daí o desejo de parar, de encontrar tempo para a síntese e o aprofundamento de certas questões. Como por exemplo aconteceu durante a realização do vídeo-tape "pajens". A fase anterior às filmagens, isto é, o trabalho de observações sistemáticas nas creches (realizado por Fúlvia Rosemberg), evidenciou um mecanismo psicológico pouco vivenciado pelas pesquisadoras: o do jogo sutil de mecanismos transferenciais e contratransferenciais entre pesquisador e sujeito no desenrolar de observações e entrevistas.

Nesse momento, distinguimos um pouco aqui as experiências e as aspirações das duas pesquisadoras que trabalham mais tempo no projeto, Fúlvia Rosemberg e Maria Malta Campos, pois o tema creche relacionou-se aos demais trabalhos que cada uma de nós desenvolvia paralelamente e incidiu na trajetória profissional de cada uma de forma diversa.



No caso de Fúlvia Rosemberg, a experiência de observação nas creches e a percepção fugaz do entrejogo dos mecanismos transfe-renciais, levou ao desejo de realizar um projeto sobre identidade profissional das pajens que previsse uma fase em que trabalharia co-mo pajem, contando para isso com alguma forma de apoio psicológico. Esta vontade, se concretizada, talvez permitisse uma outra forma de interação pesquisador-objeto-sujeito de pesquisa e provavelmente uma outra integração entre o psicológico e o social.

Entusiasmada com a idéia, Fúlvia tentou integrar esse pro-jeto num programa extenso sobre Educação que será realizado aqui no Departamento (a busca de integração deveu-se a uma postura conscien-te da equipe em tirar a creche do gueto em que se encontra). A inte-gração desse projeto não foi possível, pois esbarrou nas expectati-vas implícitas da agência financiadora (FINEP) que ainda não conside-ra a creche como tema "digno" da área de Educação. Renunciando, pro-visoriamente, a esse projeto, Fúlvia incorporou-se a uma equipe que irá estudar a demanda educacional de populações encortçadas, onde a demanda por creche pode ser incluída porque se diluiu.

Reportar esse episódio no contexto desse relatório passa a ter sentido, na medida em que evidencia parte dos problemas que a pesquisa sobre creche tem enfrentado, bem como a necessidade urgente de que esse tema seja priorizado por agências financiadoras.

Essa preocupação de conferir legitimidade ao tema, revela-se cada vez mais procedente. Situado nos limites do território rotu-lado como "educacional", misturando-se perigosamente com áreas de pesquisa de menor prestígio, como os estudos sobre a mulher e os tra-balhos assistenciais na chamada área do "menor carente", o tema da creche continua a se ressentir de um esforço mais generalizado de



pesquisa e reflexão, inclusive para subsidiar a própria atuação do pessoal que trabalha nesse campo de recente, porém significativa, expansão.

Por outro lado, alguma familiaridade com a área da pré-escola (no caso de Maria Malta Campos), leva-nos a perceber que, paradoxalmente, o tema de creche costuma provocar análises e discussões mais críticas e estimuladoras do que o tema afim "pré-escola". Com efeito, este último ressent-se ainda de uma situação de "primo-pobre" em relação aos demais temas de interesse na área educacional. Sem desmerecer os trabalhos já existentes e em andamento, as abordagens geralmente limitam-se ao descritivo ou ao técnico. No caso da creche, ao contrário, justamente por ela estar nas fronteiras da área de educação, as discussões beneficiam-se da contribuição enriquecedora de especialistas de outros campos — médicos, assistentes sociais, sociólogos, arquitetos etc. — e, principalmente, de integrantes de movimentos sociais, de partidos políticos, de sindicatos, atiçados pela atualidade da questão.

Entretanto, estas discussões e os primeiros trabalhos de cunho exploratório que surgem agora, ainda se ressentem de uma falta de melhor definição dos contornos do tema, ou seja, da constituição mais clara da creche enquanto objeto de estudo.

Apesar de nossas hesitações e titubeios, acreditamos que temos contribuído ativamente para a constituição desse objeto, identificando áreas problemáticas e delimitando subtemas relevantes. Para isto o apoio da Fundação Ford foi fundamental.

Encontramo-nos agora numa fase de transição em busca de novas definições de problemas e metodologias de investigação. Numa segunda etapa desse esforço, esperamos que a Fundação Ford volte a ter notícias nossas.



ANEXOS

ÍNDICE

## 1. DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES

- 1.1. Encontro Nacional de Creches
- 1.2. Encontro Estadual de Profissionais da Creche
- 1.3. Edição do Folheto "Creche"
- 1.4. Realização do Vídeo-Tape "Pajens" e "Encontro de Pajens"

## 2. PUBLICAÇÕES

- 2.1. Bibliografia
- 2.2. Número Especial do "Jornal Mulherio"
- 2.3. Folheto "Creche"
- 2.4. Folheto "Trabalhando com Pajens"
- 2.5. Artigo "Profissionais da Creche"
- 2.6. Artigos sobre Creche incluídos no Jornal Mulherio
- 2.7. Capítulos sobre Creche e Pré-Escola incluídos em outras Publicações
- 2.8. Relatório Parcial da Comissão Especial de Inquérito sobre Creches
- 2.9. "Creches e Pré-Escolas na Paulicéia" (este texto encontra-se em fase de composição tipográfica)

ANEXO 1.1.

SUBPROJETO: ENCONTRO NACIONAL DE CRECHES

Este anexo resume a história do "Encontro Nacional sobre Creches", realizado na Fundação Carlos Chagas (São Paulo) nos dias 21, 22 e 23 de setembro de 1981. Dele participaram, além da equipe organizadora, 37 convidados, representando diferentes experiências profissionais, voluntárias e movimentos de reivindicação do país.<sup>1</sup>

A diversidade das experiências relatadas e debatidas, bem como o envolvimento concreto dos participantes com o tema permitiram, a nosso ver, que estes três dias tenham sido vividos com muita intensidade, não só pelos convidados, mas também pela equipe organizadora.

Para a organização do Encontro constituiu-se uma equipe de cinco pessoas, que se reuniu durante dois meses — em média duas reuniões por semana. A cada reunião eram relatados e discutidos os vários aspectos do Encontro, as providências tomadas, o andamento dos trabalhos, de forma que todos os elementos pudessem acompanhar a preparação global do evento.

Um intenso trabalho de levantamento de informações e estabelecimento de contactos precedeu a realização do seminário. A ausência de material escrito, de cadastros, de dados atualizados sobre a questão a nível nacional, levou à necessidade de consultas e visitas pessoais que compuseram um longo trabalho de investigação sistemática sobre o estado atual do atendimento de creches no país e dos estudos existentes a seu respeito.

---

<sup>1</sup> Este subprojeto também contou com apoio financeiro da Pathfinder Fund.. Sua realização suscitou a realização de três publicações: número especial do jornal Mulherio sobre Creches, Suplemento "Creches" do Cadernos de Pesquisa (nº 43) e a bibliografia Educação de crianças de 0 a 6 anos de idade.

2

## I - ESCOLHA DOS PARTICIPANTES

Esta escolha teve início com a definição de três tipos diversos de participantes, com diferentes formas de participação durante os trabalhos. As pessoas ou representantes de instituições e grupos a serem convidados, deveriam:

1. estar diretamente ligados a trabalhos com creche ou movimentos de reivindicação;
2. representar órgãos oficiais ou instituições com atuação na área ou com algum papel na definição de políticas de orientação e financiamento a creches;
3. possuir conhecimentos gerais ou específicos a respeito de temas relevantes para a creche.

Para entrar em contato com esses elementos em todo país, partimos de um levantamento realizado através de consultas a cadastros de entidades populares e a publicações sobre creche; de indicações de profissionais ligados a creche; a instituições públicas ou privadas; a sindicatos, empresas e movimentos reivindicativos.

Dessa forma entramos em contato com experiências da cidade e do Estado de São Paulo e de outras regiões do país, reunindo informações que permitiriam selecionar os 30 convidados, nas três categorias previstas. Na capital, todos os contatos foram pessoais, enquanto no interior do Estado e demais regiões, os contatos foram feitos por cartas e telefone.

Coletamos dados de 29 municípios de 13 Estados distribuídos pelo Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul do país, além do Distrito Federal, correspondendo a aproximadamente 60 entidades.

O conjunto de informações reunidas nessa etapa de preparação do Encontro revelou:

1. diversidade entre os projetos de creche quanto a gestão, funcionamento, fontes de financiamento e condição dos usuários atuais e potenciais;
2. diferenças entre os movimentos reivindicativos de creche quanto ao estágio de organização, atuação e propostas, por zonas da cidade, regiões do país e categorias profissionais;

3. diferenças no histórico e no funcionamento dos berçários instalados em empresas que cumprem as determinações legais;
4. a existência de experiências originais de creche, com projetos exclusivamente voltados para um tipo particular de usuário: presidiárias, aeroviárias, jornalistas, trabalhadora rural;
5. diferentes propostas oficiais implantadas a nível nacional: creche domiciliar, creche casulo, pré-escola Mobral;
6. diferentes projetos e programas educativos a nível de prefeituras municipais e de Ministérios para a faixa de 0 a 6 anos;
7. a necessidade de creche por parte da trabalhadora rural, volante ou safrista, e a utilização desse recurso em certas regiões do Estado de São Paulo.

Além dessa diversidade de experiências, é importante acrescentar que esta primeira fase de contactos revelou um grande interesse sobre o tema e o Encontro, ocorrendo uma demanda de participação acima do limite estabelecido.

Diante desse quadro, alguns critérios foram acrescentados aos já existentes para a seleção dos 30 participantes:

- o Encontro deveria reunir experiências que fossem representativas da diversidade encontrada e das desigualdades regionais e entre os movimentos reivindicativos;
- experiências de mesma natureza e submetidas a mesma instituição, deveriam estar presentes através de um representante escolhido por cada equipe para esse fim;
- as experiências locais deveriam ser representadas por pessoas mais diretamente ligadas com o trabalho cotidiano da creche, como pajens, administradores, ou mães que participam da gestão de creches;
- os trabalhos de supervisão ou coordenação feito por universidades, instituições nacionais ou prefeituras locais, deveriam ser representadas por elementos em condições de dar uma visão de conjunto;
- a trabalhadora rural deveria estar representada no encontro através de experiências ou reivindicações específicas;

- deveria ser dada prioridade à participação de pessoas diretamente ligadas ao trabalho concreto de creche ou de reivindicação por creche.

É interessante observar que o critério de privilegiar como representantes das experiências, pessoas mais diretamente ligadas ao trabalho cotidiano da creche, foi questionado por algumas entidades, tendo mesmo ocorrido, em alguns casos, uma recusa do convite.

Para o Município de São Paulo procurou-se, na medida do possível, que os grupos já organizados (movimento de luta por creche, diretores de Creches Diretas da Prefeitura de São Paulo, Grupo de Administradores de Creches Conveniadas) escolhessem, eles próprios, seus representantes.

A composição final do grupo de participantes, depois de reunidas as informações supra citadas, procurou levar em conta a diversidade de experiências ao mesmo tempo que regional. Procurou-se, então, diante de opções alternativas, privilegiar participantes que representassem um determinado tipo de experiência vivido em determinada região do país.

Participaram do encontro representantes de:

Creches comunitárias

- Creche Fé e Alegria de Mauá — Grande São Paulo (participante da entidade que mantém a creche)
- Creche Pixote de Osasco — Grande São Paulo (participante da equipe da Creche)
- Creche de Ibirité — Grande Belo Horizonte (moradora do Bairro)

Creche de entidade profissional

- Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre (administradora)

Creches com algum suporte governamental

- Grupo de administradores de creches conveniadas da zo

na sul de São Paulo — convênio com Prefeitura Municipal (representante do grupo)

- Pajens de creches conveniadas de São Paulo (duas pajens)
- LBA — Ceará (Coordenadora do conjunto de creches)
- Mobral — Manaus (moradora do Morro Cristo Rei, local da creche do Mobral)
- LBA — Região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo (supervisora de 13 creches conveniadas com a LBA)

#### Creche em área rural

- Creche da Cooperativa Agrícola Holambra — Campinas, Estado de São Paulo (administradora da creche)

#### Programas governamentais

- Fundação de Serviço Social de Brasília — creches domiciliares nas cidades satélites (supervisora pedagógica da OMEP)
- Prefeitura Municipal de São Paulo — creches diretas (administrador de núcleo da zona sul)
- Prefeitura Municipal de São Paulo — Coordenadoria do Bem Estar Social — (representante do órgão central)
- Prefeitura Municipal de Piracicaba, Estado de São Paulo — centros comunitários (coordenadora do programa)
- Projeto piloto de fiscalização do Ministério do Trabalho, Delegacia de Florianópolis, Santa Catarina (coordenadora)

#### Órgãos governamentais

- Ministério da Educação — Departamento de educação pré-escolar (técnico)
- Ministério da Saúde — Delegacia regional de São Paulo (médico)

- Ministério do Trabalho — Coordenadoria de proteção ao trabalho da mulher e do menor (assessora)
- Ministério da Previdência Social (a representante convidada não compareceu)

#### Creche instituição

- Creche da penitenciária feminina de Porto Alegre (diretora da penitenciária)

#### Creches de empresas

- Linhas Corrente — São Paulo (administradora)
- Paramount Lansul — Sapucaia do Sul — Rio Grande do Sul (administradora)

#### Movimentos sindicais de reivindicação

- Sindicato dos têxteis — São Paulo (operária, participante do sindicato)
- Sindicato de trabalhadores rurais do interior da Paraíba (presidente)
- Sindicato dos aeroviários — comissários da Varig-Cruzeiro — Rio de Janeiro (representante)

#### Grupo feminista

- Comissão de creches — Centro da Mulher Brasileira — Rio de Janeiro (uma das fundadoras)

#### Grupo de reivindicação de bairro

- Movimento de luta por creches de São Paulo (representante da zona leste, zona norte e zona sul)
- Movimento de bairros de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro (representante)
- Favelas do Rio de Janeiro — trabalho comunitário (representante)
- Movimento de bairros de Belém, Pará (representante)

Universidade — pesquisa sobre creche

- Universidade Federal de Minas Gerais (duas pesquisadoras)
- Faculdade de Psicologia de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo (coordenadora de grupo de pesquisa)
- Universidade Federal da Bahia (uma pesquisadora)

Observadores

- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq
- Departamento de Ciências Sociais da USP
- Jornal "O São Paulo" da Cúria Metropolitana de São Paulo.

## II - REALIZAÇÃO DO ENCONTRO

Durante a realização, a equipe dividiu responsabilidades entre si — exposição, audio visual, atendimento/recepção aos participantes, providências internas e finanças, debate público.

A coordenação dos trabalhos ficou a cargo da equipe organizadora, tendo se processado em esquema de rodízio diário. Mantiveram-se reuniões diárias para discussão e avaliação dos acontecimentos.

Para atingir os objetivos propostos de troca de informações e balanço das experiências realizadas no setor, foram programadas duas atividades principais: relatos e discussões de experiências concretas sobre creches e berçários; discussão, em pequenos grupos, sobre temas previamente escolhidos pelos participantes.

Foram programados, a título de subsídios, alguns eventos paralelos: exposição permanente de projetos, documentos, bibliografias, estatísticas sobre berçários e creches, projeção de filmes, utilização de recursos audiovisuais (fotos, slides e gravador) e um Debate Público.

O horário estabelecido previa uma série de depoimentos

orais pela manhã, acompanhados ou não por slides, seguidos de um período de questões feitas pelo plenário aos depoentes.

Após o almoço, realizado na própria Fundação, havia um período reservado para consultas ao material exposto na biblioteca, encaminhamento de pedidos de xerox e projeção de filmes. Durante o período da tarde reuniam-se os cinco grupos de discussão e no final do dia era feito um painel geral. A tarde do terceiro dia foi inteiramente ocupada por um debate conjunto, que fechou o Encontro.

#### 1. Relatos orais de experiências concretas sobre creches e berçários

Foram convidados para falar todos aqueles que trabalham diretamente em creche (direção, supervisão, trabalho com as crianças, etc) ou em movimentos de reivindicação, num total de 22 pessoas.

Os convites foram feitos por carta, à qual se anexou um roteiro para orientar o relato e um cadastro. Ambos foram elaborados com o objetivo de garantir que informações básicas e importantes, no entender da equipe organizadora, fossem veiculadas aos outros participantes.

No roteiro foram sugeridos alguns tópicos que a equipe considerou interessantes de serem abordados e no cadastro foram agrupadas as informações complementares necessárias a uma melhor compreensão dos relatos orais, tais como fonte de recursos, custos, instalações, quadro de funcionários e clientela.

Os relatos, dos quais nove foram acompanhados de audiovisual, foram os seguintes:

#### PRIMEIRO DIA

##### 1. Paramount Lansul — Sapucaia do Sul, Rio Grande do Sul.

A representante foi a administradora da creche. Discorreu sobre as instalações e funcionamento da creche e sobre as condições de trabalho da funcionária que tem filho na creche, destacando-se a atenção que a empresa dá à mãe que amamenta.

##### 2. Associação Promocional Holambra — Jaguariúna, São Paulo.

A representante foi a administradora da creche. Ela falou sobre

a população que a creche atende: filhos de trabalhadores da Fazenda, de "bóias-frias", de mães incapacitadas de criar os filhos e de viúvos; relatou o processo de implantação e condições gerais de funcionamento da creche.

3. Movimento Amigos do Bairro de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.

Representado por uma militante, que apresentou as características desta cidade (considerada como a mais violenta do país) e os movimentos organizados que aí existem (cerca de 90). São movimentos constituídos basicamente por mulheres, que têm hoje, entre outras, uma reivindicação por creches. O problema delas é a quem se dirigir para reivindicar.

4. Sindicato Rural da Paraíba, Paraíba.

A representante foi a presidente do Sindicato, que falou sobre as condições sub-humanas da trabalhadora rural naquela região, o problema dos filhos e a impossibilidade de cuidar destas crianças durante a maior parte do tempo, devido às jornadas extensas de trabalho (10 a 14 horas por dia) e à distância entre locais de trabalho e moradia.

5. Creche Pixote — Osasco, São Paulo.

É uma creche comunitária, montada e dirigida por pessoas ligadas a movimento de bairro. A representante foi a fundadora e coordenadora da creche, que é encarregada dos mais variados aspectos de funcionamento, bem como da obtenção de recursos para manutenção e alimentação. Relatou as etapas de criação da creche, as dificuldades enfrentadas e como a população interessada do bairro trabalhou para que elas fossem superadas. Apresentou as condições gerais da creche — ilustrando-as com slides — ressaltando os problemas do dia a dia.

6. Legião Brasileira de Assistência — Ceará.

A representante foi a coordenadora do conjunto de creches da LBA do Ceará. Apresentou as várias formas de atendimento que a LBA desenvolve neste estado: Projeto Casulo (30.000 crianças); Projeto de Emergência às Vítimas da Seca — alimentação e recreação (5.000 crianças); Centros Sociais (4.000 crianças) e Creches Lares. Os programas foram ilustrados com slides.

SEGUNDO DIA

Foram feitos 7 relatos, dois dos quais ilustrados por slides.

1. Linhas Correntes Ltda. — São Paulo, SP.

Representada pela assistente social que administra uma das três creches que a empresa mantém (2 próprias e uma conveniada). Ela falou sobre as condições de trabalho da mãe que tem filho na creche, sobre o funcionamento e custos da creche.

2. Sindicato dos Têxteis de São Paulo — São Paulo, SP.

Representado por uma operária integrante do Sindicato, que apresentou um trabalho preparado em grupo. Após um pequeno histórico do movimento da mulher trabalhadora, falou sobre a angústia da operária em largar os filhos trancados em casa ou com os irmãos maiores. Reivindicam creches no local de moradia e de trabalho (neste segundo caso, condução também) e um bom atendimento para os filhos.

3. Delegacia Regional do Trabalho de Santa Catarina — Florianópolis, SC.

Representada pela coordenadora da Seção de Proteção ao Trabalho da Mulher e do Menor. Falou sobre a questão da fiscalização das creches de empresas, próprias ou conveniadas. Apresentou uma pesquisa feita em Florianópolis sobre as razões da não utilização de vagas nas creches conveniadas.

4. OMEP/Fundação do Serviço Social — Brasília, DF.

Representados pela supervisora pedagógica da OMEP, que é também um elemento diretamente ligado à experiência de creches domiciliares na periferia de Brasília. Ela descreveu detalhadamente esta experiência, ilustrando com slides todas as fases de implantação do sistema.

5. Comissão de Bairros de Belém, Pará.

Representada por um elemento desta Comissão. Na Comissão existe um grupo de mulheres que está discutindo a necessidade e a validade da creche, a partir dos resultados de uma pesquisa efetuada por eles mesmos. Esta pesquisa apontou a existência de um número

muito alto de crianças de 0-6 anos, que fica sob a guarda, na maioria das vezes, dos irmãos de 7-8 anos.

6. Creches Conveniadas da Prefeitura de São Paulo.

O representante foi um administrador de uma destas creches. Ele descreveu a situação geral das creches conveniadas, detendo-se na insuficiência do "per capita" estabelecido e no movimento organizado dos administradores. Falou, também sobre a utilização das instalações da creche para atividades da comunidade fora dos horários de atendimento das crianças.

7. Associação Infantil Pé de Pilão — Porto Alegre, RS.

A presidente da creche representou esta Associação, que começou como uma cooperativa de pais. Até hoje não tem fins lucrativos e é gerida pelos técnicos juntamente com os pais. Há uma preocupação em introduzir a figura masculina dentro do dia a dia da creche (o recreacionista é homem). Apresentou slides ilustrativos da instalação da creche.

Durante o debate que se seguiu, surgiu um questionamento muito grande a respeito da relação que se estabelece entre as entidades financiadoras e as creches conveniadas, principalmente no que diz respeito ao papel da orientação técnica.

A discussão sobre o papel do técnico aparece ligada à possibilidade de autonomia do trabalho pedagógico desenvolvido por cada entidade. Inicialmente centrado no caso das creches conveniadas com a Prefeitura de São Paulo, o debate evoluiu para temas mais gerais sobre a relação técnico-população, desembocando na questão da legitimidade do saber e da prática popular frente ao conhecimento profissional.

TERCEIRO DIA

1. Centro Social da LBA de Ribeirão Preto — Ribeirão Preto, SP.

Representado pela psicóloga encarregada da supervisão psico-pedagógica de 13 creches da região. Falou sobre as condições precárias de atendimento à criança em sua região, devidas, notadamente, à sobrecarga de trabalho das funcionárias das creches, baixa remuneração e grande número de crianças para cada adulto. Esta situação praticamente impossibilita uma cooperação entre pais e técnicos.

2. Associação Feminina do Sol Nascente — Ibitaré, MG.

Representada por uma das integrantes da Associação. Ela mostrou em slides as condições bastante precárias de vida do bairro Sol Nascente. Relatou, em seguida o trabalho de organização comunitária das mães que montaram e trabalham na creche, enfrentando inúmeros problemas, principalmente de ordem financeira.

3. Creche FÉ e Alegria — Mauá, SP.

Ligada à Fundação FÉ e Alegria, esta creche comunitária foi representada por um elemento que trabalha nesta Fundação há alguns anos. Apresentou um relato histórico da instalação da creche: ela foi precedida de outros tipos de atendimento à criança, sempre com o envolvimento da comunidade e a preocupação de proporcionar uma educação ligada ao ambiente real da criança.

4. Creche da Penitenciária Feminina de Porto Alegre, RS.

A representante foi a Diretora da Penitenciária que, inicialmente, apresentou alguns slides dos espaços internos da prisão e das instalações da creche. Descreveu, em seguida, as características particulares da clientela desta creche e o trabalho que é feito para recuperação das mães detentas através do contacto com os filhos.

5. Centro de Educação Comunitária Morro Cristo Rei — Manaus, AM.

Representado por uma das fundadoras do Centro. Apresentou uma série longa de slides, que ilustraram a descrição do bairro, a adaptação de uma das casas de madeira para funcionar como Centro Social e a construção da sede própria do Centro em tijolos. Paralelamente foi relatado como a comunidade desenvolveu as diversas fases do processo.

6. Creche Direta da Prefeitura de São Paulo — São Paulo, SP.

Representada pelo administrador de núcleo da zona sul. Falou sobre o programa oficial de instalação de creches e sobre a reivindicação da população neste setor, e as realizações de ambos os setores.

7. Creche Conveniada de São Paulo, SP.

Depoimento de uma pajem que discorreu sobre as péssimas condi-

ções de trabalho da pajem e a impossibilidade de atender bem à criança. Dentre os problemas cita a sobrecarga (muitas horas diárias, muitas crianças para cada pajem), o confronto pajem x mãe e, finalmente, a relação com seus superiores na hierarquia dentro da creche.

8. Movimento de Luta por Creches — São Paulo, SP.

Representado por uma militante, que narrou detalhadamente o desenvolvimento deste movimento, o que já conseguiram e como é a estratégia de ação empreendida por eles. Reivindicam creches financiadas mantidas pelo poder público e um tratamento adequado ao desenvolvimento das crianças.

9. Sindicato dos Aeroviários — Comissários da Varig-Cruzeiro — Rio de Janeiro, RJ.

Relato do trabalho da Associação para a obtenção de uma creche que atenda ao horário da categoria, funcionando numa espécie de hotelzinho. Eles conseguiram o terreno do Ministério da Aeronáutica e reivindicam que a empresa participe da construção do projeto de creche para atendimento de noventa crianças.

DEBATE FINAL

No debate final os participantes discutiram principalmente sobre a questão da responsabilidade pela educação do pré-escolar. Uma das constatações do plenário, principalmente das pessoas que têm experiência em creche comunitária e lutam por mantê-las, foi que essa responsabilidade, a nível governamental, se encontra diluída. São inúmeros os órgãos que podem destinar verbas para o atendimento de crianças de 0 a 6 anos: Ministério da Saúde, Previdência, Educação, Trabalho, além das secretarias Estaduais e Municipais equivalentes.

O plenário se posicionou insistindo que a creche é um problema educacional e se insere na luta mais ampla da população pelo direito à Educação, entendida como dever do Estado. Neste ponto surgiu uma dúvida: como o Estado pode assumir a educação do Pré-Escolar, levando-se em consideração que até mesmo as crianças em idade escolar não são atendidas em sua totalidade?

Foi levantada, então, a necessidade de uma ampla campa-

nha para que o Estado defina a responsabilidade pelo atendimento pré-escolar, alterando a legislação e vinculando essa alteração a dispositivos capazes de propiciarem a alocação de recursos adequados.

Uma proposta aprovada em plenário é de que a equipe preparatória do Encontro procure organizar em documento todas as exigências dos órgãos oficiais para convênios com creches, enviando-os aos grupos, e suprimindo uma necessidade imediata de informação manifestada pelas entidades mais pobres. Ao mesmo tempo, foi proposto que a equipe documente o encontro e tente manter estes grupos articulados, dando continuidade ao debate iniciado.

## 2. Discussão em pequenos grupos

A partir de uma consulta prévia a todos os participantes, foi organizado um temário de discussão, que integrou as diversas sugestões recebidas. Este temário orientou as discussões dos grupos de trabalho que se reuniram no período da tarde, durante os dois primeiros dias do encontro.

As discussões se realizaram em grupos de oito elementos cada, sendo que em cada um participou uma das organizadoras do Encontro.

Os grupos de discussão redigiram sínteses de seus debates que foram distribuídas a todos os participantes.

## 3. Eventos Paralelos

### 3.1. Exposição Permanente

Com o objetivo de divulgar, entre os participantes, as publicações disponíveis sobre o assunto, organizou-se uma exposição de documentos, projetos, artigos, bibliografias, estatísticas etc. sobre berçário e creche, incluindo material da Biblioteca da Fundação Carlos Chagas, das organizadoras e de doações e empréstimos dos participantes.

O material foi dividido em três categorias: 1) publicações em português e espanhol, em linguagem não técnica; 2) publicações em português e outras línguas em linguagem técnica não pertencentes à Fundação Carlos Chagas; 3) publicações em português e ou-

tras línguas em linguagem técnica pertencentes à Biblioteca da Fundação Carlos Chagas.

Considerando-se que grande parte dos participantes eram pessoas não familiarizadas com a forma tradicional de se apresentar referências bibliográficas, organizou-se uma pequena bibliografia anotada, relacionando o material pelos títulos.

Cada participante recebeu uma quota de 50 folhas de foto cópias.

Houve grande afluência à exposição e muito interesse pelo material exposto. Em decorrência, o Setor de Biblioteca e Documentação da Fundação Carlos Chagas publicou em seu B & D Notícias a relação dos livros, periódicos e documentos sobre creche e berçário do acervo da referida biblioteca, ao qual já foram incluídas todas as doações provenientes do Encontro (vide Anexo nº 2).

### 3.2. Recursos audio-visuais

Alguns participantes ilustraram seus relatos com slides, outros trouxeram documentação fotográfica que ficou exposta ou afixada durante os três dias do Encontro.

Durante todo o período ficaram disponíveis um gravador e fitas para que os participantes pudessem registrar ou complementar seus depoimentos.

Foram projetados, também, três filmes de curta-metragem, sempre imediatamente antes de se iniciarem os trabalhos da tarde:

"É Menino ou Menina?", de Marília de Andrade e Eliana Bandeira, sobre as expectativas em relação ao sexo da criança que vai nascer.

"Nossa Vida, Nossa Luta", de Suzana Amaral, sobre reivindicação de creche por uma associação de bairro.

"Só o amor não basta", de Dilma Lóes, sobre o problema da guarda da criança nas cidades grandes e as soluções precárias que a população improvisa para este atendimento.

Todos os relatos, bem como os debates em plenário, foram gravados e transcritos, fornecendo o material para a publicação do folheto Creches (vide Anexo nº 2).

### 3.3. Debate público

Este debate foi programado para que todas as pessoas interessadas no assunto e que não participaram do Encontro tivessem a oportunidade de conhecer algumas experiências aí relatadas.

Foi realizado no dia 22, no Auditório Pedroso Horta, da Câmara Municipal, escolhido por sua localização central e de fácil acesso.

Os integrantes da mesa foram escolhidos em função de sua região de origem e do tipo de trabalho desenvolvido, procurando-se dar ao público uma visão das diferentes abordagens da questão da guarda da criança pequena tal como ela se verifica no Brasil.

Teve a duração de três horas, sendo que os primeiros noventa minutos foram reservados às comunicações dos componentes da mesa. Estes foram, pela ordem:

#### 1. Prefeitura Municipal de Piracicaba

Representada pela Coordenadora do PAC (Programa de Atendimento Comunitário). Ela apresentou o programa de atendimento à criança pequena desenvolvido naquela cidade pela Prefeitura, envolvendo uma atuação conjunta do governo e da comunidade.

#### 2. Sindicato Rural da Paraíba

Apresentou o problema da trabalhadora do campo: jornada de trabalho muito longa, distâncias enormes do local de trabalho. Falou também das dificuldades enfrentadas nesta região do país em relação à guarda da criança pequena e total impossibilidade de preencher os requisitos mínimos exigidos pelas entidades financiadoras para a instalação de creches.

#### 3. Comissão de Bairros de Belém

Relatou o movimento dos membros desta comissão para conseguir diversas melhorias de condição de vida, incluindo-se, entre estas, a pré-escola e mais recentemente, a instalação de creches.

#### 4. Associação Feminina do Sol Nascente

Representada por uma das mulheres da Associação residente no

bairro e que trabalha na creche. Ela apresentou a luta das mulheres desta região — que fica nas cercanias de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais — para a instalação de uma creche no bairro. Esta creche foi montada e é mantida por esta Associação, cujas integrantes trabalham em regime de voluntariado.

#### 5. Fundação Fé e Alegria

Representada por um membro da entidade, que já trabalhou em uma das creches desta Fundação. Ele relatou, basicamente, os cuidados com a educação da criança, as propostas e preocupações que esta creche tem com o desenvolvimento da personalidade da criança do meio popular.

#### 6. Universidade Federal da Bahia

Representada por uma médica que trabalha na Saúde Pública. Ela relatou uma pesquisa que fez em Salvador, comparando o atendimento real verificado nas creches com o discurso oficial deste mesmo atendimento, tendo verificado, entre eles, uma defasagem significativa.

Depois destes relatos houve um debate aberto, com questões dirigidas não só aos integrantes da mesa como a outros participantes do encontro, que se encontravam presentes.

Compareceram a este debate jornalistas e uma emissora de TV — TV Cultura — que entrevistou uma das organizadoras. A reportagem foi ao ar no Telejornal diário da Emissora do dia 23 de setembro.

### III - AVALIAÇÃO

Foram solicitadas duas avaliações: a primeira, no último dia do Encontro, a segunda, no final de novembro.

#### 1. Primeira Avaliação

Para esta avaliação foram feitas quatro perguntas que se encontram transcritas, a seguir, juntamente com suas respostas.

- O que vocês acharam da organização do Encontro?

Quase todos os participantes consideraram a organização muito boa, sendo que dois acharam que ela poderia ser mais democrática.

Alguns acharam que três dias foram insuficientes: para estes, o Encontro deveria ter-se prolongado um pouco mais. Vários participantes ressaltaram, também, que gostariam que mais tempo houvesse sido dedicado aos relatos de experiência e aos debates em plenário. Um dos participantes, inclusive, considerou ocioso o tempo dedicado às discussões em pequenos grupos.

Segundo as avaliações os principais pontos do Encontro foram:

- . priorizar as discussões da prática e experiências concretas;
- . a escolha de experiências bem diversificadas;
- . o relato de experiências concretas;
- . o encontro entre técnicos e leigos;
- . tempo bem aproveitado, não tornando monótona a participação dos convidados;
- . grupo de trabalho de tamanho bom para discussão.

Houve um participante que considerou que a acolhida para uma pessoa, como ele, vinda de fora de São Paulo não foi suficiente e outro que achou que o Encontro deveria ser mais divulgado.

- Como você imagina que o Encontro contribuiu para o seu trabalho?

O aspecto mais citado foi o fato do Encontro ter proporcionado troca e confronto de experiências, idéias e sugestões, promovendo um intercâmbio muito rico.

Alguns valorizaram o contacto com as entidades oficiais, mas a maior parte considerou que causou grande impacto o contacto com pessoas que enfrentam o mesmo tipo de problemas e com a população que reivindica creche (suas necessidades e as alternativas que os vários grupos apresentam).

Um participante declarou que o Encontro "não mudou meu ponto de vista", enquanto que um pequeno grupo (sete) considerou

que ele contribuiu, de modo geral, para melhor situar e dimensionar o problema da creche no Brasil.

Outras contribuições relevantes levantadas foram:

- . ampliou a visão dos problemas e das soluções alternativas;
  - . propiciou informações que dificilmente teriam acesso pela imprensa ou revistas acadêmicas;
  - . reforçou a importância que meu trabalho de pesquisa tem no momento atual.
- *Como você imagina que o Encontro contribuiu para enfrentar o problema da creche em sua região?*

As contribuições levantadas pelos participantes podem ser agrupadas em algumas categorias:

- a) O papel do poder público e da comunidade na implantação e funcionamento das creches — Vários participantes declararam-se impressionados com a importância da comunidade para a implantação de creches, percebendo, então, a necessidade de trabalhar conjuntamente com grupos de reivindicação, de organizar melhor a luta por creche na região e propondo-se, também, a levar idéias aqui levantadas para os movimentos de mobilização popular do seu Estado.

Alguns acharam que o Encontro esclareceu que a responsabilidade pela educação do pré-escolar é do poder público e deve-se, então, trabalhar no sentido de exigir o cumprimento desta obrigação.

- b) Informações práticas — O Encontro contribuiu para vários participantes com idéias e/ou informações concretas em relação a:
- . como montar creches em bairros, através de convênios;
  - . como organizar a creche;
  - . como lidar com custos e manutenção;
  - . como cuidar e educar as crianças (relação do número de crianças por adulto, a busca de uma nova pedagogia, etc.).
- c) Divulgação — Salientou-se a importância de se publicar um relatório do Encontro para subsidiar os técnicos em suas argumenta-

ções para liberação de maiores recursos e também divulgação das diversas alternativas de atendimento à criança pequena aqui apresentadas e discutidas.

- d) Estímulo — Para alguns, o fator mais importante foi o fato do Encontro ter funcionado como estímulo para prosseguir no trabalho com creches e educação da criança pequena.

Dois participantes acharam que a questão não se aplica a eles, um considerou que "não houve contribuições sérias" e outro, finalmente, achou que deveria ter-se discutido aspectos políticos da questão.

*- O Encontro correspondeu às suas expectativas?*

Para a grande maioria, o Encontro correspondeu às expectativas. Para três participantes, esta correspondência não foi total e cinco acharam que superou o esperado. Um declarou que não tinha expectativas e outro que o Encontro não correspondeu devido ao desnível dos participantes.

Os motivos levantados por aqueles que se responderam sim basicamente foram: que se discutiu o tema creche sob todos os ângulos, confrontando modelos oficiais e populares de todo país, possibilitando um debate em igualdade de condições; que se propôs a troca e avaliação de experiências, dando prioridade à prática, e isto foi feito; levando ao conhecimento dos participantes as mais variadas iniciativas que estão acontecendo no Brasil relativas à questão da creche. Este seria, então, um caminho para encontrar novas alternativas de guarda e educação da criança nesta faixa etária.

Aqueles, para quem o Encontro superou as expectativas, citaram como razões, além da riqueza de experiências de trabalho e das pessoas nelas envolvidas, a oportunidade de ouvir o pessoal de base, "que não tem os vícios do técnico que carrega os erros da instituição".

Finalmente, para aqueles que o Encontro deixou a desejar, faltou discussão mais aprofundada de temas como o trabalho voluntário, a educação popular, a comunidade na gerência da creche, sobre as propostas para uma pedagogia alternativa e para modificações na legislação e regulamentação de creches. Colocou-se também

que o tempo para debates foi pouco e que se discutiram alguns assuntos fora do tema proposto.

## 2. Segunda Avaliação

Recebemos até o momento, sete respostas à segunda avaliação. São aí apresentados alguns pontos importantes de reflexão da função educativa da creche, tendo alguns participantes salientado o impacto que as informações recebidas no Encontro têm tido sobre suas rotinas de trabalho.

Verifica-se, ainda, um interesse acentuado no prosseguimento do intercâmbio de experiências e informações, inclusive alguns participantes trocando material e documentos entre si.

## IV — DIVULGAÇÃO

Houve divulgação diária pela imprensa (Folha de São Paulo), pelo rádio e pela televisão. Posteriormente foram publicadas matérias no O São Paulo e em outros semanários.

O jornal Mulherio trouxe, no número 4, uma extensa matéria sobre o tema (vide Anexo nº 2.2).

Ainda com o intuito de divulgar o trabalho, foi proposto ao CNPq um projeto de financiamento do relatório final do encontro, que deu origem ao folheto Creche.

Este relatório preencheu também a finalidade de devolver, aos grupos e instituições que enviaram representantes ao Encontro, o acervo de informações, dados, posições e propostas obtidas a partir da participação de todos (vide Anexo nº 1.3).

ANEXO 1.2.

SUBPROJETO: ENCONTRO ESTADUAL DE PROFISSIONAIS DA CRECHE

## ENCONTRO DE PROFISSIONAIS DE CRECHE<sup>1</sup>

### Antecedentes

Dentre os depoimentos apresentados durante o Encontro Nacional Sobre Creches, o mais contundente, sem dúvida, foi o de uma participante que exercia a função de pajem em uma creche conveniada de São Paulo e que colocou com muita clareza a problemática enfrentada por esta categoria profissional. Seu depoimento foi ainda reforçado por outras informações que enfatizavam a precariedade das condições de trabalho da pajem.

Todos esses dados evidenciaram a existência de uma situação profissional pouco conhecida e discutida — a de pajem —, muito complexa e na convergência de muitas pressões.

Estes fatores todos levaram a coordenadora do Programa de Educação de Piracicaba à proposta de realização de um Encontro Estadual de Pajens de Creche mais ou menos nos moldes do Encontro Nacional de Creches. Piracicaba oferecia local e infra-estrutura necessária e abria suas creches aos participantes, para que pudessem conhecer o programa lá desenvolvido.

A proposta foi longamente discutida pela equipe, que decidiu finalmente, aceitá-la, incluindo-a como um subprojeto dentro do projeto que já vinha desenvolvendo sobre "o que se deve saber sobre creches".

A aceitação da proposta deveu-se não somente aos aspectos anteriormente citados, levantados na realização do Encontro Nacional de Creches, mas também porque coincidia com a preocupação que a equipe tinha com relação às condições que envolvem a mulher que trabalha em creche, de maneira geral, e, de modo muito particular, àquelas que participam dos programas de creche domiciliar.

---

<sup>1</sup> A realização desse Encontro contou com o apoio da Prefeitura Municipal de Piracicaba.

### Preparação

Um intenso trabalho de levantamento de informações sobre as experiências com creches existentes no Estado de São Paulo, feito através de inúmeras visitas e reuniões com técnicos de diversas cidades, reuniu dados que permitiram a elaboração de um subprojeto onde se delineavam os objetivos do Encontro, critérios para seleção dos participantes, o temário e as estratégias a serem adotadas. Em função das informações colhidas os critérios iam sendo revistos e repensados até chegar a uma proposta final.

### Seleção dos Participantes

Decidiu-se que do Encontro deveriam participar pajens trabalhando na Grande São Paulo e no interior do Estado. A inclusão de São Paulo foi considerada importante, dado o estágio em que já se encontra a discussão da questão da creche, o que permitiria às pajens do Interior tomarem conhecimento da reflexão que aqui vem sendo feita em torno do assunto. Julgamos, porém, que a quantidade de participantes da Grande São Paulo não deveria exceder a um terço do total e que seriam privilegiadas as experiências que não encontrassem paralelo no interior (creche de empresa, de universidade, comunitária).

A seleção dos tipos de creches a serem convidadas partiu do levantamento já efetuado para o Encontro Nacional, complementado por novos contatos.

No interior, procurou-se abranger os diversos tipos de creche, caracterizados, principalmente, pela fonte de recursos. No caso das creches mantidas por entidades filantrópicas procurou-se também balancear a participação dos diferentes tipos (laica, católica, espírita etc.).

Tentou-se, também, diversificar as regiões do Estado, preferindo aquelas creches que fossem mais representativas em cada uma das regiões.

Na medida do possível, ainda, garantiu-se uma variação quanto à idade da pajem, à faixa etária da criança da qual ela se ocupa, do treinamento anterior e do tipo de trabalho que ela executa (banho, comida, recreação).

Quanto aos técnicos, foram convidados aqueles que apresentaram um interesse genuíno pela questão e que vêm, de uma maneira ou de outra, desenvolvendo um trabalho que visa uma melhoria do atendimento às crianças e das condições de trabalho da pajem.

Tanto para as pajens como para os técnicos houve um princípio norteador de escolha que foi a capacidade de multiplicação da experiência vivida no Encontro.

Pareceu-nos fundamental a presença conjunta das pajens e do técnico que trabalha diretamente com elas, como a única possibilidade de se dar continuidade ao trabalho iniciado.

Assim, de todas as regiões presentes, somente a Baixada Santista não teve um técnico convidado porque, efetivamente não se encontra ali um trabalho integrado nem entre as cidades, nem em uma cidade especificamente.

### Concepção do Encontro

As visitas realizadas no interior e as reuniões com os técnicos das diversas cidades foram fundamentais para explicitarmos mais claramente a concepção do Encontro e a programação decorrente.

A proposta inicial de um treinamento tradicional, com a participação somente de pajens, foi aos poucos sendo modificada: de treinamento passamos a encontro, embora mantivéssemos alguns

aspectos de treinamento. Era importante dar espaço às pajens para que discutissem seus problemas, mas também era importante que elas voltassem instrumentadas para suas creches. Da mesma forma, a participação inicialmente apenas prevista para pajens foi aberta também para os técnicos que trabalhavam com elas, pois estávamos convencidas de sua importância e poder de decisão e atuação. Sentimos a necessidade de possibilitar ao menos a continuidade ao tipo de trabalho que estávamos propondo, e para esta continuidade o papel do técnico nos pareceu fundamental. Por outro lado, as atividades tradicionalmente propostas em treinamentos, baseadas essencialmente na expressão verbal, foram sendo substituídas aos poucos, por atividades não-verbais.

O enfoque seria na pajem, contrariamente aos treinamentos habituais, que centram a atenção na criança. Acreditamos que a maneira de atingi-la e suscitar uma reflexão sobre seu trabalho, mesmo que a longo prazo, seria discutindo suas ansiedades, angústias e os problemas pessoais que enfrenta como profissional e como mulher. Evidentemente que isto está extremamente ligado à atuação junto as crianças e que, discutindo estes aspectos, estaríamos atingindo também a criança e a educação que se dá a elas na instituição creche.

A preocupação fundamental era de criar um clima em que as pajens pudessem se colocar enquanto pessoas e profissionais. Tanto nós da equipe, como os técnicos convidados teriam, conseqüentemente, um espaço menor.

A atitude a ser assumida seria basicamente de "escutar" atenta e respeitosamente, colaborando no processo através de intervenções não sistemáticas. Sendo assim, previu-se que falaríamos pouco, permitindo que cada pessoa se colocasse conforme seu próprio ritmo e sua própria linguagem. Isto só poderia ser feito em detrimento, às vezes, da participação dos técnicos. Para estes e para

nós da equipe, a proposta que se colocou seria a de uma reflexão sobre o que é treinamento e como é que ele se efetua efetivamente.

Ao mesmo tempo, este encontro estava inserido no projeto de pesquisa "o que se deve saber sobre creche" e tínhamos interesse em colher dados relativos ao atendimento prestado à criança de 0 a 6 anos no Estado de São Paulo, nos diferentes tipos de creche.

A programação teria que ser elaborada levando em conta todos estes fatores. Ela foi reelaborada sucessivamente; a cada visita, a cada nova informação, o plano era revisto e modificado. Foi, basicamente, um trabalho da equipe conjuntamente com os técnicos, com os quais a programação foi pormenorizadamente discutida, até se chegar à forma final.

Alguns princípios básicos nortearam esta programação:

- As pajens deveriam ter oportunidade de relatar suas experiências.
- Seriam abolidas as situações didáticas em que um técnico daria "aulas" sobre este ou aquele assunto.
- O material audiovisual deveria prevalecer, bem como as atividades de expressão não-verbal.
- Preferia-se o trabalho em grupos pequenos, uma vez constatado que o aproveitamento das pajens em grupos grandes era discutível.
- Não se daria de antemão nenhum produto acabado. Desta forma, a apresentação de qualquer material só ocorreria no final do Encontro.
- O enfoque seria privilegiar o processo, e não o produto.
- Tanto os técnicos como a equipe organizadora deveriam entrar como participantes nos grupos coordenados por especialistas.
- Seria estimulado o fazer ativo, o aprender fazendo, procurando-se abolir situações de escuta passiva. Para tanto devia-se par-

tir do conhecimento das próprias pajens, objetivando a incorporação de uma postura frente às situações e não à aquisição de algumas técnicas isoladas.

Por outro lado, seria importante que todo trabalho desenvolvido culminasse num produto que sintetizasse as idéias dominantes no grupo, e que pudesse ser partilhado por todos os participantes.

A programação também atendeu às solicitações de Piracicaba: os participantes visitariam os vários CEPECs — Centros Polivalentes de Educação e Cultura — do programa da Prefeitura; seriam abordados os aspectos mais requisitados durante o levantamento anterior ao Encontro: o que fazer com a criança o dia todo e como lidar com a questão da sexualidade; e finalmente, haveria um intercâmbio de experiências entre as pajens, entre os técnicos, e a experimentação de novas técnicas de treinamento.

O Encontro foi dividido em dois blocos de atividades. No primeiro, previa-se que os participantes se conhecessem entre si, falassem e discutissem sobre este trabalho. No segundo, as pessoas escolheriam uma área de interesse e desenvolveriam um tema em maior profundidade, com a preocupação de apresentar um resultado final aos demais participantes.

Da 1ª parte constaria: um aquecimento inicial (técnica corporal), a constituição de grupos onde os participantes se apresentariam e discutiriam sobre o papel da pajem e sua situação de trabalho. Estes grupos foram coordenados pelos integrantes da equipe.

Na 2ª parte, todos os participantes deveriam escolher um dos três grupos de atividades disponíveis:

- Grupo I      Sensibilização
- Grupo II     Educação Sexual
- Grupo III    Atividades com a criança

O Grupo I se proporia a um aprofundamento de reflexão sobre a pajem, através da utilização de técnicas de sensibilização e dramáticas. Para desenvolver este trabalho foram contratados dois especialistas que mantiveram contatos anteriores com a equipe a fim de tomarem conhecimento dos aspectos ligados à questão.

O Grupo II, discutiria basicamente a questão da sexualidade.

O Grupo III, desenvolveria o tópicó de atividades com as crianças, contando com o apoio de uma professora de educação física; uma psicóloga atuante num trabalho comunitário de atendimento de crianças de 0 a 6 anos e pela responsável pela oficina de brinquedos da FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas). Este grupo trabalharia inicialmente junto, subdividindo-se posteriormente em 3 subgrupos, um para cada faixa etária. A divisão seria a seguinte: Faixas de 0 a 2 anos, de 2 a 4 anos, de 4 a 6 anos, deixando-se aos participantes a opção por qualquer dos 3 subgrupos.

Como apoio, foram contratados dois especialistas em técnicas dramáticas, uma pesquisadora que vinha coordenando grupos de discussão sobre a questão da sexualidade, uma psicóloga e uma professora de educação física, que trabalha em creche e treinamento para pajens.

Embora com momentos determinados de atuação, estes especialistas poderiam ser chamados a qualquer momento para interferir, caso fosse necessário.

Eventos complementares foram previstos tais como: exposição de material; programas e fotos trazidas pelas próprias pajens; passeio pelos pontos turísticos de Piracicaba; projeção de filmes; festa junina promovida pela comunidade.

A programação desenvolveu-se, na prática conforme o planejamento. (Ver cópia em anexo)

#### Os Participantes: Seleção e Formação dos Grupos

Um dado importante de que dispúnhamos a respeito das participantes, era a disparidade de condições de trabalho e salários, correspondendo, grosseiramente, a duas categorias: as que trabalhavam em creches mantidas pelo poder público ou empresas e as que trabalhavam em creches filantrópicas, conveniadas e comunitárias. Consideramos que o simples confronto destas experiências, nos relatos individuais, provocaria uma reflexão nas pajens sobre suas condições de trabalho.

Os grupos foram formados de modo a garantir que todas as experiências estivessem neles representadas (prefeitura, conveniada, filantrópica, empresa comunitária). Cada grupo contava com um elemento da equipe da Fundação Carlos Chagas, quer para coordenar, quer para acompanhar o desenvolvimento das atividades.

Os técnicos convidados foram distribuídos pelos vários grupos, ou agrupados em um grupo único de acordo com a atividade. Em determinados momentos (apresentação dos participantes) evitou-se que os técnicos participassem dos mesmos grupos das pajens com as quais trabalham diretamente e, em outros, os técnicos reuniram-se em separado.

Enfim, nos grupos de atividade I, II e III a escolha foi livre e espontânea por parte das pajens. Quanto aos técnicos, a escolha já havia sido feita na reunião preparatória realizada na Fundação.

### Transporte e hospedagem

Considerando que para muitas pajens seria esta a primeira vez a saírem de suas cidades, e que a preocupação com o deslocamento foi uma constante em quase todos os contatos mantidos, solicitamos que os técnicos viessem com as pajens de sua região (Botucatu, Ribeirão Preto, Sorocaba, Paulínia, Campinas e São José dos Campos) e que os elementos da equipe viessem junto com as pajens da região da Grande São Paulo. As pajens de Lins solicitaram que alguém as esperasse na rodoviária de Piracicaba. Estas providências que foram tomadas, garantiram a presença das pajens no Encontro e diminuíram os custos com transporte.

A hospedagem foi oferecida pela população de Piracicaba. Desta forma todos os participantes ficaram hospedados em casas de funcionários da Prefeitura, o que contribuiu para a melhor integração dos participantes de fora.

### Recursos Materiais

Gravação — Todas as discussões foram gravadas para posterior transcrição e utilização por parte da equipe da Fundação.

Video-Tape — a utilização do vídeo teve a finalidade não só de registrar o Encontro, como também servir de instrumento ao próprio Encontro: o processo de trabalho e os resultados de cada um dos grupos de atividades — I, II, III — foram filmados e apresentados aos próprios participantes. Desta forma eles tiveram uma idéia geral do todo e puderam se observar atuando nos grupos.

Sucata — Uma oficina de sucata ficou à disposição dos três grupos, embora fosse destinada mais especificamente ao grupo III ("Atividades com a criança"). Contava com gran

de diversidade de materiais, embora não incluísse nada que fosse estruturado ou mais elaborado.

Material estruturado — tais como livros, modelos de brinquedo de sucata, folhetos, fotos, etc. só foram colocados à disposição para consulta no último dia do Encontro, quando as atividades de criação e elaboração dentro de cada grupo já haviam sido encerradas. Procurou-se evitar, com isso, a apresentação de modelos que direcionassem o produto de cada grupo ou ainda, que desestimulasse a atividade criadora.

Filmes — utilizados como estímulo para o Trabalho do Grupo III — "Atividades com a criança".

### Resultados

O Encontro transcorreu num clima de muita descontração, com os participantes muito envolvidos e motivados durante todo o tempo.

O objetivo do Encontro como troca de experiências pôde assim, ser amplamente atingido, contando com a participação de todos na discussão dos problemas que envolvem a pajem em particular e o trabalho na creche em geral.

Toda esta troca foi muito rica também para a equipe organizadora, que pôde coletar muitas informações relativas ao tendimento prestado à criança de 0 a 6 anos, no Estado de São Paulo.

Quanto à intenção de oferecer um treinamento, ou melhor, algo de concreto para ser levado de volta às creches, o Encontro atingiu a todos os participantes, ainda que em diferentes níveis, uma vez que o tempo era curto, o que possibilitava mais um trabalho de sensibilização e reflexão do que propriamente instrumentação. O conteúdo proposto, segundo os participantes, veio de encontro ao interesse e às necessidades do grupo.

O painel final, onde os três grupos apresentaram uma síntese do trabalho por eles desenvolvido, revelou, pela riqueza de elementos e pelo envolvimento pessoal de cada participante, o impacto que o Encontro provocou em todos.

Os técnicos que participaram do Encontro consideraram o evento muito positivo e solicitaram que, a título de subsídio para a multiplicação de reuniões desse tipo, fosse-lhes oferecido um documento que explicitasse os procedimentos de preparação do Encontro, ou seja, o caminho percorrido até a definição do modelo adotado.

Com material colhido durante o Encontro e relatos de atividades nele desenvolvidas, organizou-se um Jornalzinho que foi enviado aos participantes. Segue, anexo, um exemplar.

ENCONTRO DE PROFISSIONAIS DE CRECHE  
FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS/PREFEITURA DE PIRACICABA  
Piracicaba, 18 a 20 de junho de 1982

PROGRAMA

DIA 18 - 6.<sup>a</sup> feira

- 9:00 - 10:30 - Chegada em pequenos grupos  
Visita aos CEPECs (creches e centros co-  
munitários)
- 11:00 - Abertura geral do encontro
- 11:30 - 12:30 - Almoço
- 12:30 - 14:30 - Trabalho em grupo (4 grupos)
- 14:30 - Lanche
- 15:00 - 16:00 - Continuação do trabalho em grupo
- 16:00 - 18:00 - Horário livre (Jogo do Brasil)
- 18:00 - Jantar conjunto com pessoal de Piracicaba
- 19:00 - 19:20 - Filme "As balzaquianas"
- 19:30 - 20:30 - Debate
- 20:30 - Saída para locais de hospedagem

DIA 19 - Sábado

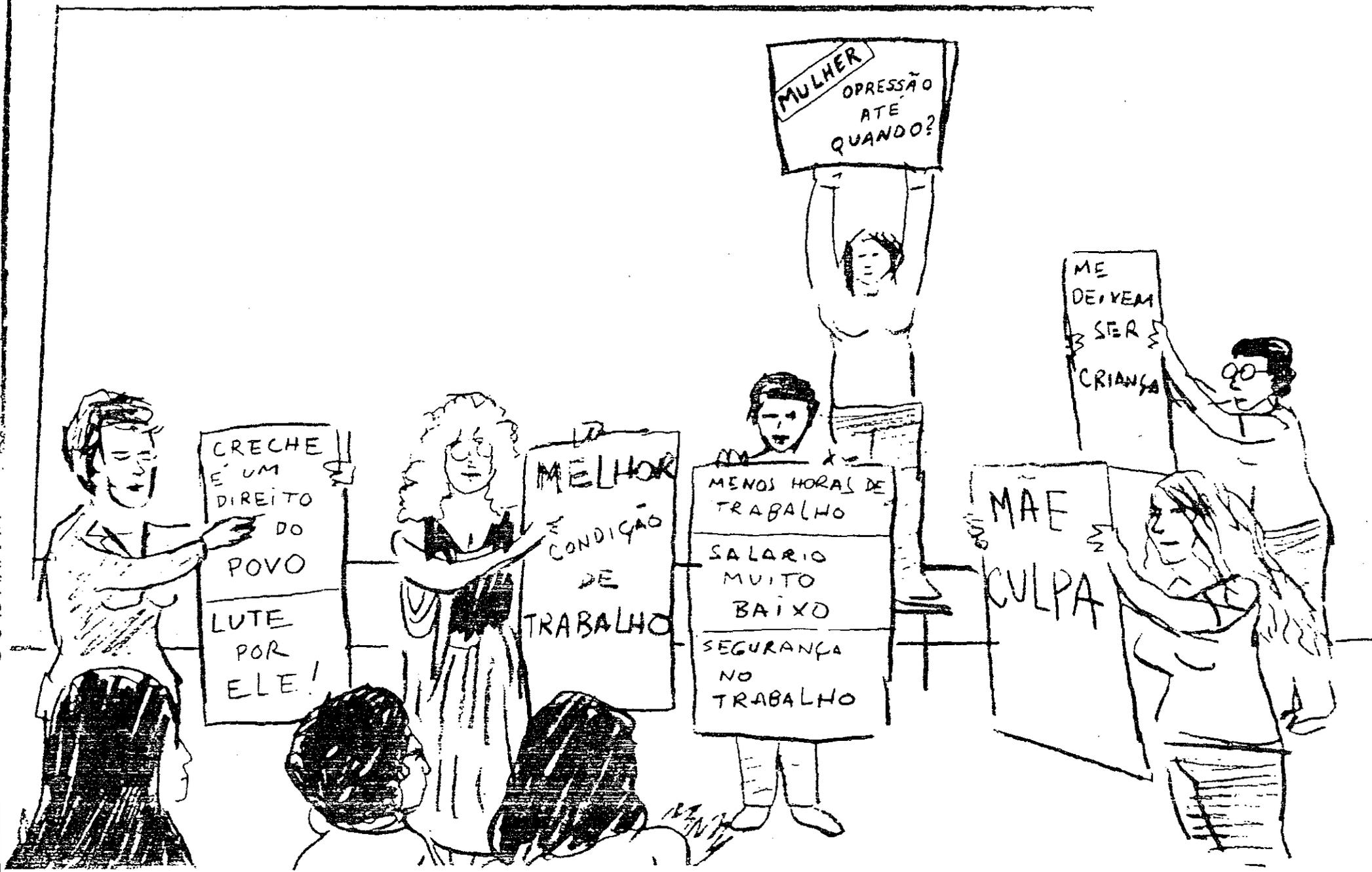
- 8:00 - 8:30 - Café da manhã
- 8:30 - 11:00 - Trabalho em grupo (5 grupos)  
(com intervalo para café)
- 11:00 - Almoço  
Passeio por Piracicaba
- 13:00 - Reunião geral
- 13:15 - 18:00 - Trabalho em grupo (3 grupos, cada um com  
um tema)  
(com intervalo para lanche)
- 18:00 - Lanche  
Tempo livre em casa  
Festa junina
- 19:00 - 22:00 - Condução para casa

DIA 20 - Domingo

- 8:30 - 12:00 - Trabalho em grupo (continuação do trabalho do dia anterior - 3 grupos)  
(com intervalo para café)
- 12:00 - 13:00 - Almoço
- 13:00 - 16:00 - Painei dos 3 grupos
- 16:00 - Lanche e encerramento do encontro
- 17:00 - Condução para a rodoviária

JORNALZINHO DO ENCONTRO

- 1) Grupo 1 - teatro
- 2) Grupo 2 - educação sexual
- 3) Grupo 3 - atividades com crianças
  - a) filmes
  - b) domingo de tarde - atividade com a Marina (participaram também outros grupos)
  - c) atividades da manhã de domingo
- 4) Recados dos participantes
- 5) Lista de Endereços



CRECHE  
É UM  
DIREITO  
DO  
POVO  
LUTE  
POR  
ELE!

MELHOR  
CONDIÇÃO  
DE  
TRABALHO

MENOS HORAS DE  
TRABALHO  
SALARIO  
MUITO  
BAIXO  
SEGURANÇA  
NO  
TRABALHO

MULHER  
OPRESSÃO  
ATE  
QUANDO?

ME  
DEIXEM  
SER  
CRIANÇA

MAE  
CULPA

## Prazer e Sexo

O sexo é um diálogo total, significado pela totalidade do encontro físico, em que todo o corpo fala, exprimindo doação e total intimidade.

Comente conhecendo o nosso corpo, teremos condições de ensinar a criança a conhecer o dela.

A criança quando está se masturbando é como se ela estivesse pegando em qualquer parte de seu corpo. É uma forma de exprimir ou experimentar o prazer.

Não devemos reprimir a criança quando ela estiver explorando o seu próprio corpo, mas procurar sempre encorajar isso com naturalidade. Um gesto seu negativo, por trazer sérios problemas psicológicos na sua vida, principalmente na adolescência: atraso da menstruação ou os meninos não conseguem a ereção.

Não devemos separar as crianças por sexo porque quanto mais separa, mais curiosa ela fica.

A mulher quando reprimida de pequena, passa inconscientemente para os filhos as situações vividas por ela.

Para que isso não aconteça é preciso de reuniões, discussões, onde seja o assunto encarado com naturalidade por parte de todos os participantes.

Quando a criança perguntar algo relacionado a sex não mentir. Procurar sempre dar algo de concreto e de real. Não aprofundar no assunto e responder somente o que ela perguntar. Não despertar uma curiosidade que não sente.

Sexo é uma coisa espontânea. Não é programado simplesmente acontece.

Sexo não é uma violência, nem uma coisa feia. É um prazer, uma

## ENCONTRO DE PIRACICABA

### 1) Grupo de Atividades com a criança

O grupo que escolheu trabalhar sobre o assunto ATIVIDADES COM A CRIANÇA assistiu dois filmes. O primeiro mostrava crianças de 2 a 3 anos. O outro mostrava as mesmas crianças com 4 e 5 anos. As crianças apareciam em atividades na escola (ou creche), em casa ou na rua, acompanhadas de algum adulto.

Muita coisa, nos filmes, chamou a atenção do grupo. Vi mos que:

- as crianças menores gostam de estar perto das outras, mesmo que não saibam ainda brincar junto com elas;
- os pequenos não conseguem brincar muito tempo com as mesmas coisas;
- os maiorzinhos procuram os amiguinhos para brincar junto e ficam mais tempo na mesma brincadeira;
- conforme as crianças vão crescendo elas vão sendo capazes de fazer muita coisa sozinhas. No filme a professora e os pais estimulavam as crianças para isso. Já não era preciso fazer tudo por elas.

Vimos também:

- as crianças brincando ao ar livre (fora da sala), mesmo em dias bastante frios;
- que as crianças saem em grupos acompanhadas por um adulto para passear: andar de ônibus, ver os trens na estação, ver como se faz o pão, como se tira leite da vaca, etc.;

- que nas atividades as crianças usavam não só as cadeirinhas e mesinhas; também brincavam no chão com muita alegria;
- a alegria das crianças podendo brincar com água, lavando roupinhas e pendurando-as no varalzinho;
- que com materiais muito simples, como caixas de papelão pintadas, as crianças inventam sozinhas muitas brincadeiras;
- que as professoras e as mães não ensinavam sempre o jeito certo das coisas, mas deixavam as crianças irem experimentando até acertar; (É claro que isto só vale para situações que não ofereçam perigo!)
- que as crianças de uma sala não faziam todas sempre a mesma atividade. Muitas vezes elas podiam escolher coisas diferentes para fazer;
- que é importante que a criança brinque porque brincando ela estará aprendendo.

Depois de ver os filmes, nós discutimos um pouco o que observamos.

Neide chamou atenção para as diferenças das crianças mais novas, em comparação com as maiores: "as crianças dessa idade, quanta dificuldade elas encontram para mexer com os objetos". Vimos também como as professoras procuravam não fazer as coisas pelas crianças, mas deixavam que elas tentassem sozinhas e só interferiam em alguns momentos.

Por tudo que viu, Sonia achou que "a gente devia acreditar mais na criança de 2 anos". Ivone falou que "as crianças não precisam que a gente crie para elas, elas também sabem criar". Nei

de reparou como as crianças mexiam com a sucata e os brinquedos do jeito que elas queriam, com liberdade.

A liberdade das crianças brincarem, pegarem os objetos elas mesmas, se movimentarem sozinhas, chamou nossa atenção. Neide achou que na creche as crianças têm mais liberdade que em casa, mas Sonia disse que na creche a criança fica muito presa. Conversamos sobre as diferenças que existem entre cada creche.

Ivone falou sobre a liberdade da pajem: "para dar liberdade para a criança, a gente tem de ter liberdade também, não dá para vir tudo já planejado para a gente".

Discutimos um pouco sobre as brincadeiras ao ar livre. Nos filmes observamos as crianças muitas vezes fora, mesmo com muito frio. Dalva contou que na creche dela, mesmo sem escorregador, as crianças pequenas brincam no chão com água e sabão, e as pajens ajudam elas a escorregarem no chão molhado.

Marina falou sobre os acidentes que podem acontecer, e disse que é importante poder contar com a boa vontade e compreensão dos pais nessas ocasiões. Percebemos, mais uma vez, como é importante a creche estar próxima das famílias.

Sonia ficou impressionada de ver como os adultos, nos filmes, eram sempre muito pacientes com as crianças, mesmo quando elas faziam manha, brigavam e se portavam mal. Conversamos um pouco sobre castigos: devemos castigar as crianças? Como agir nessas situações? Neide achou que em vez de dizer "não pode", a pajem devia tentar fazer a criança mudar de comportamento. Clarice notou como a professora ajudou uma menina a entrar numa brincadeira de casinha, fazendo de conta que ela ia vender doces e conseguindo que ela fosse aceita pelo grupo. Sonia disse que nem sempre é possível manter a calma. Sentimos que esse é um problema difícil, sem respostas simples.

Durante outros momentos do encontro, voltamos a lembrar do que observamos nos filmes e refletir sobre o nosso trabalho nas creches. O que é possível fazer, mesmo quando enfrentamos condições de trabalho mais difíceis, falta de espaço e de material?

## 2) Domingo de tarde — atividades com Marina

A ORQUESTRA

Numa sala grande, ficamos todas em roda, cada uma com um instrumento:

Rita no piano (uma cadeira virada)

Clarice no bumbo (um tambor vazio de sabão em pó)

Dalcy na sanfona (usamos a imaginação!)

Ana Elisabete no prato (duas tampas de panela)

Lindinalva, Dalva e Vera nos côcos (cada uma com duas metades de casca de côco)

Neideramis na marimba (batendo com um pauzinho em garrafas mais ou menos cheias, penduradas com barbante num suporte)

Lúcia Helena no chocalho

Neide e Marlene com bastões (2 pauzinhos roliços)

Sílvia, Ana, Aparecida e Suely com chocalhos

Sonia e Ivone com bastões

Neusa, Vilma e Janete nos reco-recos (caixas de ovos e pauzinhos)

e

Marina, tocando um côco e regendo.

Conforme íamos cantando a música, quem estava com o instrumento do qual se falava, tocava ou fingia que tocava:

Fiz um teste musical, numa grande orquestra

Tinha piano, tinha piano

Comecei a pianar

Piano, piano, piano, lâ}

Piano, piano, piano, cã}

(repete)

Fiz um teste musical, numa grande orquestra

Tinha bumbo, tinha bumbo

Comecei a bumboar

Bumbo, bumbo, bumbo, lâ } (repete)  
 Bumbo, bumbo, bumbo, cã }

A letra é sempre a mesma, só que cada vez falamos de um instrumento, com aquele instrumento acompanhando o último verso.

Sanfona (sanfonar)

Viola (violar)

Pandeiro (pandeirar)

Prato (pratear)

Chocalho (chocalhar)

Marimba (marimbar)

Côco (coquear)

Bastão (bastonar)

Reco-reco (reco-car)

No final, cantamos todas os instrumentos juntos:

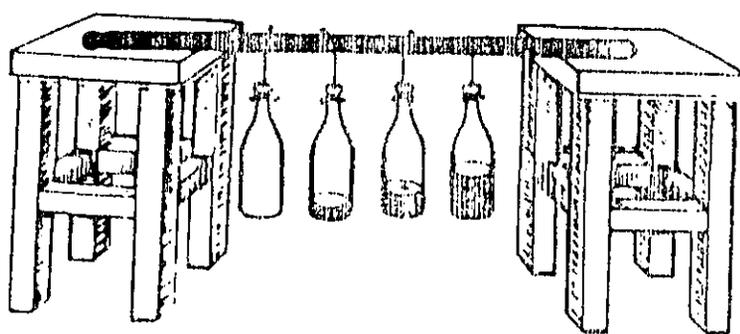
Fiz um teste musical, numa grande orquestra

Tinha piano, tinha bumbo, tinha sanfona, tinha viola,  
 tinha pandeiro, tinha chocalho, tinha prato, tinha  
 côco, tinha marimba, tinha bastão, tinha reco-reco

Reco, reco, reco, cã } (repete)  
 Reco, reco, reco, lâ }

Tã, tã, tã, tã, tã, tã - Tã, tã, tã, tã, tã, tã

No final, batemos muita palma, para terminar



MARIMBA

Depois sentamos no chão, todas em roda, lembrando das músicas que a gente conhece:

Marcha soldado, cabeça de papel  
 Se não marchar direito, vai preso pro quartel  
 Sapo cururú, da beira do rio  
 Quando sapo canta, maninha, cururú tem frio  
 Na Bahia tem, tem, tem, tem  
 Na Bahia tem, morena  
 Côco de vintém  
 A canoa virou  
 Por deixar ela virar  
 Foi por causa do meu bem  
 Que não soube remar  
 e outras que a Vera lembrou!

Em seguida levantamos, ficamos uma atrás da outra e começamos a marchar em roda, batendo bem o pé e cantando "Marcha soldado".

Cantamos outras músicas e sentamos de novo no chão, "como índio" (pernas cruzadas), e cantamos, acompanhando com palmas:

Escravos de Jô  
 Jogavam caxangã  
 Tira, põe  
 Deixa o congerê ficar  
 Guerreiros com guerreiros }  
 Fazem zigue, zigue, zã } (repete)  
 Lã, lã, lã, lã, lã...

Depois esticamos as pernas para a frente e começamos a remar com os braços, balançando o corpo para frente e para trás, começando do pé, acompanhando o canto:

A canoa virou  
 Por deixar ela virar  
 Foi por causa da Marina  
 Que não soube remar } (repete)

Se eu fosse um peixinho  
 E soubesse nadar  
 Eu tirava o meu bem  
 Lã do fundo do mar

E depois, girando as mãos:

Tilim pra cá  
 Tilim pra lã  
 Moça bonita  
 Quer casar

A Marina nos mostrou como a professora deve fazer para estimular a participação de todos. Ela mesma tem de mostrar muito entusiasmo, alegria e fazer de tudo junto com as crianças: sentar no chão, correr, pular, bater palmas, cantar, etc..

Para estimular o coleguismo, a Marina pediu para a gente ficar de pé, uma de frente para a outra, uma dentro da roda,

outra fora, para cantar, batendo as mãos, cada vez mais depressa:

Pirulito que bate, bate

Pirulito que já bateu

Quem bate em mim é ela

Quem bate nela sou eu

E, dançando de braço dado:

Yã-yã dá o braço pra yô-yô

Yô-yô dá o braço pra yã-yã

O tempo de criança já passou, eh!

(pulando e batendo palmas para o alto)

E de novo o pirulito, bem depressa!

No final fizemos uma brincadeira, com duas turmas:

Cada turma fazia uma fila e todas abriam bem as pernas para passar alguma coisa por baixo: primeiro uma sandália, depois uma pessoa!

Cada vez que a sandália chegava atrás, a última da fila corria na frente e passava de novo a sandália para trás. Quando a pessoa que era a primeira da fila voltava ao seu lugar, aquela turma ganhava.

A Marina nos mostrou como sempre dava um jeito numa turma ganhar depois da outra. E aprendemos a bater palmas para quem ganha e... para quem perde! Só que para quem perde elas começam bem fraquinhas e devagar e vão aumentando até ficarem fortes como as outras.

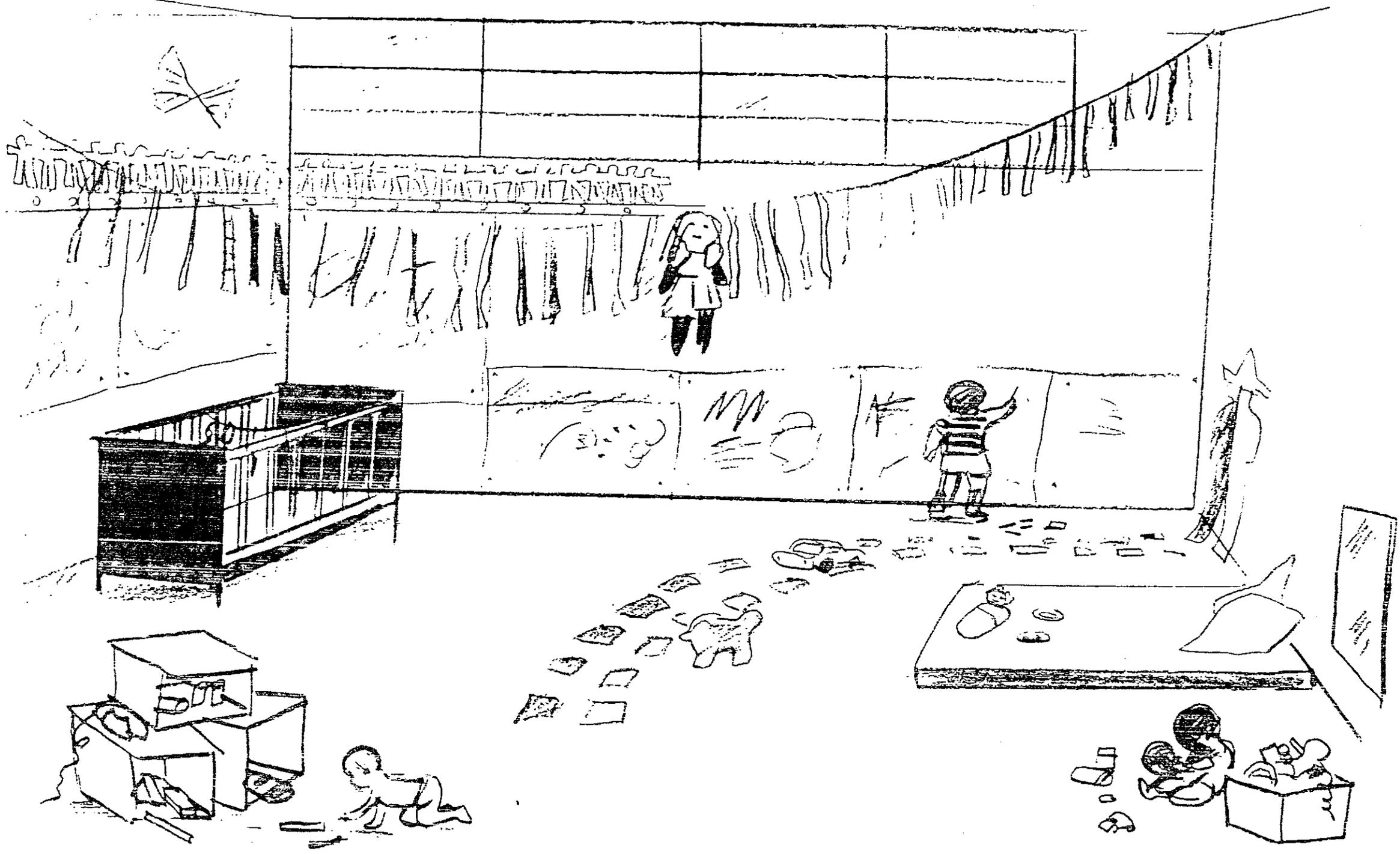
Aprendemos também que quando as crianças erram numa brincadeira de roda, elas não devem cair fora, mas devem ficar dentro da roda. Assim elas sentirão que pertencem ao grupo, poderão acompanhar a brincadeira e estarão sendo vistas por todos.

### 3) Atividades do domingo de manhã

O grupo de ATIVIDADES COM A CRIANÇA foi dividido em 3 pequenos grupos.

a) O primeiro grupo discutiu e elaborou uma proposta para o trabalho com crianças de 0 a 2 anos. No desenho vemos como esse grupo organizou o espaço do berçário. No berço foi pendurado um varalzinho com muitos objetos para a criança olhar, mexer, desenvolvendo sua percepção e seus movimentos. No chão foram colocadas caixas de papelão com brinquedos para as crianças que engatinham. Também vemos no desenho um colchão no chão para os pequenos se espalharem, papéis na parede ao seu alcance para rabiscarem a vontade, um espelho para se olharem e marcas no chão para estimular os primeiros passos.

Nas paredes e pendurados em varais, os papéis coloridos de formas diversas estimulam a percepção e a imaginação das crianças.



b) O segundo grupo preocupou-se com as crianças de 2 a 4 anos, nas várias situações em que elas ficam na creche: no berço, no chão e em mesinhas e cadeiras.

Para cada situação as participantes do grupo confeccionaram brinquedos com a sucata disponível. Eles foram arrumados em uma pequena estante baixa, e em uma caixa de papelão, ao alcance das crianças.

Havia brinquedos para estimular a audição, o tato, a percepção de cores e formas, o movimento, a imaginação e alguns quebra-cabeças para os maiorzinhos.

Figuras foram colocadas em papelão para ajudar a mãe a conversar com as crianças sobre: o trabalho (o que a mãe e o pai de cada um fazem durante o dia), a família, conceitos de tamanho, quantidade, etc..

c) O terceiro grupo conversou sobre as atividades que devem ser desenvolvidas com as crianças de 4 a 6 anos.

Foram lembradas atividades para desenvolver: coordenação motora, memorização, imaginação, atenção, linguagem e conceitos como perto e longe, grande e pequeno, igual e diferente, quantidade. Para estas atividades alguns materiais foram elaborados, utilizando sucata. O grupo lembrou ainda a necessidade de desenvolver nas crianças algumas atitudes, como organização e economia no uso dos materiais que a creche dispõe, alguns hábitos de higiene (lavar as mãos, escovar os dentes, usar a descarga) e alguns hábitos sociais (pedir licença, desculpas, dar bom dia).

Todas estas idéias foram resumidas num cartaz que ficou junto da estante onde foram expostos os materiais feitos pelo grupo.

Nos três grupos apenas levantamos algumas propostas para o trabalho com as crianças. Sabíamos que não tínhamos condições de tempo para discutir tudo que pode ser feito na creche. Mas a troca de experiências e idéias que houve entre nós foi importante para que cada uma continuasse na sua creche a procurar caminhos para o seu trabalho.

Foi extremamente gratificante este encontro me animou bastante, e eu sinto que dentro de mim, novos caminhos se abriam, eu espero que haja novos encontros. Liderei sem querer ofender a ninguém a Regina a Marta a Maria e a Elvira, elas são realmente de muito riqueza, elas tem realmente amor dentro de si, e dedicação ao seu trabalho quando chegarem em casa, quero organizar minha cabeça, colocá-la no lugar, e transmitir tudo o que eu aprendi, às outras berçaristas, o que ~~eu aprendi~~ eu senti também, prometo mostrar a elas, não, principalmente o sentido de união sabe? Sem ir contra ninguém, porque antes de tudo eu quero cuidar e dar amor a elas, não ensinar, que se deve ficar em guarda ao menor medo.

Confiar é o meu lema, não quero demonstrar sofrimento para que elas não o sintam também, meideranis cavallante

Eu gostaria compartilhar mais vez, Porque foi um  
encontro com o pessoal bem agradável, deu para  
: Saber um pouco de qual <sup>espera</sup> que ~~espera~~ para o bem do  
meu. Eu quero agradecer por tudo que nós  
recebemos de tudo que foi bom.

Clarice Pinheiro Leodoro

Nota: Campinas

Olha gente, este encontro aqui em Piracicaba foi  
para mim um presente muito grande, principalmente  
conhecimento com pessoas, que jamais pensamos encontrar  
nada. Sabes de realidades diferentes das quais jamais a  
gente imagina que existe, aprendi coisas novas que servirão  
de incentivo <sup>por</sup> o meu trabalho e também poder passar  
para minhas colegas de trabalho.

Agradeço as pessoas que tiveram essa ideia maravilhosa  
de promover um encontro e todos que colaboraram.

Espero que todas as pessoas que participaram desse encontro  
tenham grande prazer em dar mais de si para as crianças.

Meu endereço por correspondência:

Rua Manoel Pinheiro n: 7 Jardim Garcia CEP 13100 Campinas

Rua da Cruz Miguel Leme nº 1000 13234



Um encontro precisa de abertura. E amor

---

Todas as coisas são importantes  
Que esse momento continue presente  
em cada uma de nós  
um beijo pra todas

20/06/82. Itamará.

---

Foi importante eu ACHO A todos, pois cada um  
colocou TODAS AS SUAS CARGAS.

AGORA CABE A NÓS LUTARMOS pelos nossos dire-  
itos MESMO que houver ABERTURA.

ABRAÇOS e beijos a todos vocês

Regina Valinhos

20/06/82

---

Este encontro foi de uma forma maravilhosa

espero que façam mais vezes e quero agradecer

a hospitalidade de todos e deixo um abraço e já com  
muitas saudações desse pessoal maravilhoso de

todas as cidades.

Um beijo para todos de Dalaj de Saracá

---

Para mim este encontro foi maravilhoso e apre-

miadas coisas boas e amizades e quero agradecer

todos e a família que me hospedou

Cláudia Capão Bonito

---

20 - 6.82

Taquarilândia

Yerezinha Rodrigues

Em primeiro lugar gostei muito da cidade  
e das pessoas que ficaram juntas  
As merendeiras são ótimas  
As educadoras

Gostei muito da marinha ela é incrível  
De todo pessoal do encontro  
As creches são lindas

Adorei a hospitalidade dos Pinariabano

Agradeço cada um de vocês.

Abraços jamais

Esqueci de vocês e de muitas coisas  
que aprendi aqui

---

Adorei o nosso encontro de profissionais de  
creches, pois além de aprender mais um pouco  
sobre as crianças; conheci pessoas maravilhosas  
com trabalhos lindos que dão a vida para  
as crianças.

Ho povo de Pinariaba muito obrigado.  
Nunca vi gente tão simples, carinhosa e  
dedicada.

Uma oportunidade esta que deixo su recetivadas.  
É o encontro entre as pessoas que têm algo em comum  
em nosso caso - ACRÍANCA. Já assim podemos ter a  
esperança de fazer algo que ~~esta~~ realmente possa mudar  
as coisas que ai estão. Obrigada por tudo.

AGUEVA RIZZATO (BOTICATO)

Não existem soluções prontas para os problemas  
que encontramos no nosso trabalho. Porém  
num trabalho de conjunto encontraremos  
soluções possíveis. É esta certeza que levo  
deste encontro, e a esperança de que  
experiência como esta possam se repetir,  
aida - Maua

Oreio eu, que através desse encontro  
sairá varias soluções para problemas que  
até então estava à escura.

Todos deverão aproveitar o que aprenderem  
aqui, transmitindo as nossas crianças  
que farão o Brasil no ano 2.000

A amizade, a compreensão que  
teve nesse encontro, deve se repetir  
a todo o espaço onde há ódio,  
raiva, etc.

Deixo aqui o meu Tchau, pois não  
depo adieu, porque sei que outras oportu-  
nidades surgirão!

Dauva - Cruz das Bone

Outros destes encontros deveriam ser feitos com  
maior frequência. A possibilidade de troca  
de idéias é imensa. É o momento que

servem para refletir e Avaliar.

Abralot a todos

D. Helena - São José dos

que atua nos mercados mais de 100 anos. A  
mesmo tempo tem pouca coisa de Brasil, to  
mo exemplo de país e pessoal tinha o mesmo  
objetivo que o meu e mudar esse governo  
que está aí ~~há~~ desde com a corrupção  
e por causa disso por isso que não fomos  
país de família. Não é. Trabalho por falta  
de empregos. a criação de emprego por  
falta de Voto por falta de dinheiro e  
isso é o que mais ~~está~~ para a criação de  
um país estático etc - paracala e diferente  
para o país e quem começou o projeto  
e o projeto é o que tem que fazer  
o novo projeto para fazer junto com o projeto  
dele. Não tem nada mais e do que  
isso pode ser feito em Brasil S.P.  
em que tem todos os detalhes  
comuns ao Brasil com o custo de Voto  
e Voto. mais organizado

deixar em condições para finalização após ser  
para criação - não chegou em minha casa

deixando o marido de todos os dias

apenas em casa de acordo com a  
formulário que já mais algumas

de todos os dias, apenas uma família

que se formam longe de casa, alguns  
já tomam pelo bem da vida, alguns

os que preferem a vida de grande S Paulo.

Dado após meus ~~estudos~~ estudos  
abandonar a carreira de cinema to

P. Alister Ben Claret N° 54 cap 06000  
Alister Ben  
Sem mais Alister Ben  
Alister Ben

O encontro foi ótimo. E' só não ter mais encontro. Gostei muito das pessoas que conheci aqui.

Foi mesmo uma coisa maravilhosa.

Gostei muito da creche.

A refeição estava ótima.

Gostei muito de tudo que foi discutido.

A hospitalidade foi muito boa.

Agradecemos a colaboração da Prefeitura  
Podemos levar muita coisa boa.

Gostei muito de Piracicaba

Agradeco e espero voltar um outro dia

Adaus

Já está chegando a hora de ir.

Venho aqui me despedir e dizer

Em qualquer lugar ~~que~~ por onde eu andar

Vou lembrar de você.

Ho' me resta agora dizer Adeus e Depois

O meu caminho seguir.

O meu coração aqui vou deixar

Não fique se agora eu chorar

Mas agora

Adeus.

Amélia Aparecida Nogueira Jotaque

Botatins: Rua Sebastião Alves de Oliveira nº 427

Paulo

Achei fascinante uma cidade muito interessante. Hospitalar uma coisa incrível.

Nosso encontro foi sensacional tive vários conhecimentos.

Levei uma grande recordação da Pessoa Amarela e da Amarela, não tem como esquecer.

Maniana não é última espero nos encontrar ainda.

Pessoal da fundação

Nossa que gente maravilhosa Regina, Cláudia e Luiza vocês são incríveis, espero que esses encontros aconteçam sempre, para nos conhecermos melhor.

E que vocês também vão até nossa cidade.

É ilia espero que você possa levar os ideais até nossa cidade em São Paulo.

Um abraço  
Gente obrigado por tudo  
Um abraço Lindinalva

~~Aperta~~, emachei apertaculpan este encontro  
achei muita coisa que pudemos falar e ter ido  
como é a reunião de P. Bona da nossa cidade  
achei que a minha cidade de Piracema dos  
pouco mais de lá por pra nós monitora rece  
do sem salame mas lembramos do que o de lá.  
É com o coração partido, que foi nós de lá  
surdades das coisas que estamos juntos q  
fizer meu grande abraço mas um abraço m  
um uma lembrança pra nos se comunicar  
em cartas meu endereço e Dona Angé  
556 casa 1 Piracema São José Aperta Maria  
Rodrigues de Castro

Clairse Rosa de Moura, achei bacana de  
meio este encontro e principalmente a simpatia  
e hospitalidade das pessoas de Piracema  
juntamente com os colegas de toda parte  
meu agradecimento à todos e se tiver outra  
oportunidade, participarei com todo prazer  
meu endereço é este: Clairse Rosa de Moura  
R. José Martins Rocha nº 338 Alas do Sol CP 18100

Ilvairis Ferreira Gillet - Depois de 11 anos de trabalho  
em escola, esta foi a primeira vez que tive oportuni  
dade de participar de um encontro pelo o meu  
estado. Gosta muito da experiência e pretendo  
quando tiver novas surtidas, poder participar. Bem  
vamos pra mim novamente ao pessoal de Piracema  
nos hospitais de lá e as coisas de lá, colegas  
leitos que de lá em São José muita coisa  
a minha participação. O meu muito obrigado  
Vivian Ferreira Gillet  
na Felício Antonino Dias 5/11 Bloco U apto 133  
na Alim Rosa em lá — Campinas, S.P.  
2. 13 Jan 11

Os encontros assim precisamos sempre  
para cada vez, mais, abriremos  
nossa cabeça em relação ao  
trabalho com a criança e com  
a nossa própria vida.

De tudo que aqui se viu e ouviu  
esperamos que cada pessoa consiga  
filtrar e adaptar as informações  
transformando-as em formação para  
vivência menos conflitante com sua  
realidade profissional e pessoal.

A todos que participaram,  
direta ou indiretamente neste aconte-  
cimento um abraço muito afetuoso

Esperança Dutra  
20-6-82

Traci  
Pauline

Esse encontro foi uma coisa muito boa  
que me encontrou, foi o primeiro mas será  
inesquecível para mim.

Lerarei lembrança de cada pessoa todas são  
maravilhosas.

O Pessoal da fundação são excelentes  
Lidarei a hospitalidade das Peracibano  
são pessoas ativas

Obrigado a cada um de vocês mil  
abraços e beijos a todos

O encontro foi ótimo. Não houve mais encontro,  
Gostei muito das pessoas que conheci aqui  
Foi mesmo uma coisa maravilhosa.  
Gostei muito da refeição  
A refeição foi ótima  
Gostei muito o que foi discutido  
A hospitalidade foi muito boa.  
Agradecemos a colaboração também da Prefeitura  
Podemos levar muita coisa boa.  
Gostei muito de Paracatu  
Agradeço e espero voltar outro dia  
O meu coração aqui não deixará  
Não fique se preocupando em chorar  
Mas agora adeus

Neide Oliveira Lacerda

Rua Minas Gerais 176 - Teresopolis Vila Maria  
C.E.P. 14.350.

Neide

Aqueles que ficaram

Uma Saudade

Para os que ~~stão~~ foram

Uma Esperança

Um amigo

— Euli

ANEXO 1.3.

SUBPROJETO: EDIÇÃO DO FOLHETO "CRECHE"

A edição do material produzido para e durante o Encontro Nacional de Creches procurou se adequar às propostas do projeto inicial, isto é, constituir-se numa via de comunicação para um público mais amplo (e tão diversificado quanto foram os participantes) dos conteúdos e do clima de troca que ocorreu durante os três dias do Encontro.<sup>1</sup>

A linha norteadora da edição do jornal foi a procura de linguagem textual e gráfica que traduzisse o ocorrido durante o Encontro e que fosse também acessível a pessoas ocupando cargos, desempenhando funções e possuidoras de experiências educacionais bastante diversas.

Neste sentido, procuramos definir um caminho entre dois extremos; de um lado a "fidelidade absoluta ao Encontro" que significaria nos atermos textualmente à transcrição dos depoimentos; de outro a "acessibilidade absoluta" que implicaria numa neutralização da linguagem textual, próxima à empregada em jornais televisionados.

#### PROCEDIMENTO

Este caminho intermediário, de compromisso entre os dois extremos acima indicados, foi inicialmente percorrido pelos membros da equipe de pesquisa numa primeira fase do trabalho de edição. Esta fase consistiu em agrupar e "enxugar" os depoimentos transcritos, incorporando informações contidas nos documentos produzidos e/ou trazidos pelos participantes. Este primeiro trabalho deu origem a blocos de textos internamente homogêneos, mas diversificados entre si. Este material, já re-elaborado, constituiu o ponto de partida para o trabalho de uma nova equipe e que contou com a participação de uma diagramadora, uma jornalista e um membro da equipe de pesquisa.

A diagramadora elaborou um projeto gráfico, procurando adequar a apresentação visual ao espaço, ao material textual e iconográfico disponíveis.

A jornalista, depois de leitura minuciosa (o adjetivo foi incluído aqui com seu significado pleno) da 1ª versão do texto precisou informações e significados pouco claros; re-escreveu partes da 1ª versão, adaptando-a à diagramação proposta; reviu as cópias impressas.

---

<sup>1</sup> Este subprojeto contou também com o apoio financeiro do CNPq.

A pesquisadora participou das discussões que precederam as decisões tomadas, quanto à diagramação e à redação dos textos; procurou informações textuais e iconográficas complementares, organizou o agrupamento dos textos; redigiu as apresentações; reviu o material produzido pela jornalista confrontando-o com os depoimentos e documentos disponíveis.

A primeira prova impressa do jornal passou por um processo múltiplo de revisão que incluiu: todos os membros da equipe de pesquisa; o responsável pelas publicações da Fundação Carlos Chagas; e todos os participantes do Encontro que proferiram depoimento.

Esta decisão de enviar as primeiras provas para os depoentes, apesar de ter aumentado o tempo e o trabalho de edição, foi necessária na medida em que concretizava, ao nível da publicação, a postura "de respeito aos participantes" que havia norteado a realização do Encontro (em anexo modelo da carta que acompanhou o envio da 1ª prova).

As correções efetuadas pelos depoentes se mostraram, na maioria das vezes, bastante úteis, pois precisaram datas, cifras, siglas e significados. Foram raríssimos os casos em que houve proposta de alteração do depoimento: nos casos de proposta visando alterações de estilo, as transformações propostas foram rediscutidas com os depoentes.

Neste processo todo de elaboração do jornal uma série de decisões foram assumidas no sentido de integrar a fidelidade do Encontro às necessidades da divulgação, aqui incluídas, questões relativas aos custos.

— Formato: o formato jornal-mini-tablóide-grampeado foi escolhido por uma série de razões interdependentes: a datação dos textos, oriundos de um evento circunscrito, e apresentados na forma de depoimentos quase que brutos indicavam ser o jornal o formato mais adequado de divulgação. Esta opção se via reforçada pelo fato de que o jornal permite a inclusão de elementos facilitadores da leitura: "chamadas", quadros ou box, inter-títulos, destaques, ilustrações e fotografias (com as respectivas legendas). Além destas razões, o jornal não exige capa com papel de melhor qualidade, o que reduz os custos da publicação.

Uma das desvantagens de um jornal, solto, como seria o nosso, provém de sua catalogação e estocagem bibliográfica que

usualmente é feita como folheto, dificultando seu acesso nas bibliotecas. Este inconveniente foi eliminado pela concessão que obtivemos, junto aos Cadernos de Pesquisa, que o Jornal da Creche saísse como seu Suplemento Especial. Nesse caso tivemos as vantagens do jornal (acessibilidade) acrescido de um bom "gancho" ou apoio bibliográfico.

Optamos, então, por esse formato mas utilizando papel branco (e não papel jornal) para que a impressão se revestisse de maior nitidez e a publicação fosse menos perecível ao manuseio.

O grampeamento foi necessário devido ao grande número de páginas do jornal (48).

— Seleção dos conteúdos: apesar dos conteúdos terem se centrado nos depoimentos, decidimos por incluir outros materiais produzidos ou veiculados pelos participantes em torno do Encontro, mesmo que não assumissem a forma de um texto individualizado. Assim, por exemplo, as apresentações foram redigidas a partir da síntese das discussões em grupo que ocorreram durante os três dias.

Incluímos também trechos de documentos e cartas, para complementar ou atualizar as informações. Usamos, de preferência, sempre que as condições técnicas o permitiram, material iconográfico (fotos, logotipos etc.) cedidos pelos participantes.

A recuperação destes documentos produzidos durante e para o Encontro foi determinada não apenas por uma busca de fidelidade mas também em função da comunicação: na medida em que parte da distribuição será feita pelos próprios participantes, o uso de materiais familiares tende a facilitar a recepção.

— Ilustração: decidiu-se que as ilustrações deveriam permitir uma leitura paralela ou complementar ao texto. Neste sentido algumas vezes aparecem para reforçar o dito, outras vezes atuam como contraponto, outras explicitam o não-escrito.

— Texto: decidimos diversificar a apresentação formal do texto utilizando os recursos que a diagramação permite — quadro (ou box) destaque, inter-título etc. e que permitem ao mesmo tempo a utilização de um espaço menor sem que entretanto o conteúdo seja perdido.

Procurando diversificar a apresentação, mantivemos para alguns dos depoimentos a "expressão-verbal-lida", eliminando reditas, tornando passagens mais claras e incorporando sistematicamente algumas regras da norma culta.<sup>1</sup> Mesmo nos depoimentos reescritos (quando se passou a narrativa da 3ª para a 1ª pessoa) procuramos incorporar algumas palavras ou frases (entre aspas) do depoente no próprio texto.

— Fotos: dada a pobreza de materiais sobre creches nos acervos das agências distribuidoras de fotos, contratamos os serviços de uma profissional que fotografou sob orientação de uma das pesquisadoras da equipe.

— Preço: o preço foi incluído na capa para retirar da publicação o estigma de doação — produto de menor valor. Previmos, porém, que sua distribuição fosse em parte gratuita. A quantidade fixada foi baseada no preço de publicações congêneres.

— Distribuição: fazendo parte do acordo estabelecido com o Cadernos de Pesquisa 400 exemplares foram distribuídos entre seus assinantes e doações, o que permitirá atingir aproximadamente 200 bibliotecas.

Parte da edição foi distribuída gratuitamente para os participantes do Encontro (5 exemplares por pessoa), que atuaram como micro-distribuidores. Também pedimos aos participantes que nos enviassem nomes de entidades e/ou pessoas que gostariam de receber a publicação que lhes foi, então, enviada diretamente.

---

<sup>1</sup> A questão do respeito à linguagem falada em textos escritos não nos parece ainda resolvida. Porém, por observação assistemática, temos podido observar um cuidadoso respeito (sem correções conseqüentes) a falas de interlocutores identificados com a norma não culta e pouco respeito (isto é muitas correções) a falas de interlocutores identificados com a norma culta.

ANEXO 1.4.

SUBPROJETO: VÍDEOS

1. "PAJENS"
2. "ENCONTRO DE PAJENS"

## 1. "PAJENS"

A realização do vídeo-tape se constituiu em trabalho que integrou a equipe de pesquisa sobre Creche da Fundação Carlos Chagas e a Companhia Paulista de Vídeo, grupo profissional especializado no Sistema VHS.<sup>1</sup> Este trabalho comportou três fases: elaboração do roteiro, filmagem e edição.

### ROTEIRO

A elaboração do roteiro foi apoiada em três fontes: a) da dos verbais coletados durante o Encontro Estadual de Pajens que realizamos em Piracicaba em 1982; b) reflexões da equipe de pesquisa sobre a condição de vida e de trabalho das pajens e que estão contidas no artigo "Profissionais da Creche" (vide Anexo nº2.5); c) ima gens visuais colhidas no vídeo realizado durante o Encontro de Profissionais da Creche.

Com base nesse material foi elaborado um pré-roteiro onde se projetava integrar, ao vídeo feito durante o Encontro, novas ima gens das pajens colhidas em suas casas e nos seus locais de trabalho.

Este pré-roteiro foi discutido com a equipe de realização que desaconselhou, por razões técnicas (qualidade da filmagem, principalmente cor e mobilidade da câmera) uma utilização muito intensa do vídeo original.

---

<sup>1</sup> Este subprojeto contou também com o apoio financeiro do CNPq.

O pré-roteiro foi então mantido apenas nas seqüências em que se previam novas filmagens.

#### FILMAGEM

As filmagens foram antecedidas por observações guiadas pelo roteiro nas 4 creches escolhidas: Creche Municipal, Creche de Bairro ou Comunitária, Creche de Empresa e uma Creche que atendesse também a população de classe média (a escolhida foi a da PUC/SP).

Depois do contato feito com a direção da creche (que em alguns casos implicou em discutir o projeto com o pessoal trabalhando na própria creche) uma das pesquisadoras da equipe observou por dois dias cada uma das creches, tanto aspectos da rotina quanto da interação entre adultos e crianças ou dos adultos entre si.

Antecedendo, ainda, a filmagem foi necessário que a equipe de pesquisa transmitisse à equipe de realização suas percepções sobre o trabalho das pajens o que implicou em várias reuniões, onde se discutiram as transcrições das observações efetuadas nas creches e o material bibliográfico.

Cada creche foi filmada durante um dia inteiro, de modo que se teve disponível, para cada uma delas, a seqüência quase que completa da rotina.

A filmagem foi acompanhada por uma das pesquisadoras que orientava as tomadas.

Com exceção da creche da PUC/SP não notamos diferenças importantes no andamento da rotina e no relacionamento das crianças e dos adultos durante o período de observação e de filmagem.

Além da rotina da creche filmamos depoimentos de pajens na forma de uma entrevista semi-estruturada.

#### EDIÇÃO

De posse do material filmado (duração de 4 horas) foi necessário selecionarmos as imagens que comporiam os apenas 15 minutos que o tape pronto iria ter. O material bruto foi visto várias vezes e selecionamos imagens e seqüências mais significativas.

Concomitantemente, o material sonoro (as falas das pajens) foi transcrito e editado, isto é, dele extraíram-se os momentos mais significativos e que forneciam um eixo condutor às imagens. Este trabalho foi executado pela equipe de pesquisa a fim de que garantíssemos a fidelidade das falas editadas ao original, e uma seleção pertinente ao objetivo do vídeo que era o de sensibilizar outras pajens sobre suas condições de trabalho.

A equipe de pesquisa participou também da escolha das músicas que se baseou no repertório musical das próprias pajens. Com efeito, na medida em que este vídeo tem o objetivo de ser usado como material de sensibilização devíamos procurar uma comunicação afetiva através da música com o universo dessas profissionais.

O trabalho de montagem propriamente dito (integração entre imagem e som) foi realizado com equipamentos profissionais (FAST VÍDEO).

A partir desse trabalho integrado entre equipes de pesquisa e de profissionais da imagem foi criado o vídeo "PAJENS" com duração de 15'.

## DIFUSÃO

A difusão do vídeo-tape "PAJENS" — objeto de um subprojeto financiado pela Pathfinder Fund. — está ocorrendo desde maio, devendo se desenrolar até o mês de setembro.

Elaboramos um plano de divulgação que permitisse apresentar o vídeo às creches que participaram de sua realização, a grupos multiplicadores e em eventos compatíveis.

Para os multiplicadores organizamos várias sessões na Fundação Carlos Chagas (vide lista em anexo), e em algumas regionais da Secretaria da Família e do Bem-Estar Social. Esta primeira fase, destinada principalmente a fazer conhecer o vídeo, gerou uma série de convites ou sugestões para a organização de sessões, tanto para pajens de creches, quanto para outros públicos que não teríamos imaginado (por exemplo Casa da Mulher, grupos de presidentes de instituições filantrópicas, empresários, faculdades etc.).

Semelhantemente à apresentação para multiplicadores, fomos incluindo as novas sugestões e convites, incorporando, também em nossa agenda, eventos ligados às questões da mulher, da educação no geral ou da creche no particular (por exemplo, no ciclo de debates do Núcleo de Estudos da Mulher/RJ, na Comissão Especial de Inquérito sobre Creches da Câmara Municipal de São Paulo, no Seminário de pesquisas sobre a mulher realizado pela Fundação Carlos Chagas e NEIM/Salvador etc.).

Duas possibilidades que se nos apresentavam de exibir o vídeo para público mais amplo não puderam se concretizar: a primeira que seria na RTC (Rádio Televisão Cultura de São Paulo) não ocorreu por problemas técnicos. Apesar do diretor da programação ter gostado, o vídeo não pôde ir ao ar porque a transposição para

U-Matic gerou uma reprodução de má qualidade; a segunda foi a mostra de vídeos militantes do jornal A Folha de São Paulo, na qual inscrevemos o vídeo, mas que foi cancelada por determinação da Censura Federal (necessidade de visto de controle).

Nesta primeira fase estamos apresentando o vídeo principalmente em São Paulo e Grande São Paulo, reservando para julho e agosto a apresentação em cidades do Interior do Estado mais distantes (já temos exhibições programadas em Atibaia, Campinas e Ribeirão Preto).

#### Sistemática de Trabalho

A divulgação do vídeo está sendo realizada por uma equipe composta por: Fúlvia Rosemberg, Maria Malta Campos e Sylvania Cavazin, esta última contratada especialmente para esse projeto.

Sylvania Cavazin centraliza a agenda de apresentações, sendo que reservamos para elas três dias da semana (2ªs, 3ªs e 5ªs). Cada sessão de apresentação é realizada por duas pessoas da equipe, sendo que Sylvania Cavazin tem estado presente em todas elas.

As sessões estão sendo registradas em audio e/ou manualmente.

De início solicitávamos que os próprios grupos providenciassem um aparelho de televisão, sendo que o aparelho de vídeo bem como despesas de transporte ficavam por nossa conta. As primeiras exhibições com televisão "emprestada" tiveram problemas técnicos, pois além da dificuldade de serem encontradas, ocorrem problemas de transporte e de qualidade do aparelho (que são geralmente modelos antigos) o que afetou, algumas vezes, a qualidade da exibição.

Resolvemos, então, utilizar emprestado aparelho das próprias pesquisadoras o que tem garantido melhor qualidade de transmissão.

Alguns grupos, de modo geral aqueles ligados a instituições governamentais, têm providenciado transporte, o que tem permitido menor despesa nessa alínea orçamentária.

As sessões têm transcorrido da seguinte maneira: breve apresentação do trabalho, exibição de um ou dos dois vídeos, discussão, entrega e preenchimento de um questionário (vide um exemplar em anexo).

A apresentação do trabalho contextualiza o projeto sobre creche e explica o modo como foi elaborado o vídeo. A exibição, quando não ocorre problemas técnicos (desde falta de luz até incompatibilidade total entre vídeo e monitor!), é geralmente efetuada em boas condições, com platéia atenta. O formato da discussão tem variado muito, dependendo do grupo e da incorporação ou não do vídeo em programas de treinamento. De um modo geral têm sido interessantes, bastante informativos e estimulantes para a equipe.

A conduta da equipe na discussão tem variado muito, dependendo das circunstâncias acima mencionadas, sendo mais ou menos intervencionistas. Geralmente, após cada discussão, os participantes têm sugerido novos grupos, convidando a equipe para novas apresentações.

Uma sessão inteira tem demorado por volta de duas horas.

Quando trabalhamos com pajens temos dado preferência a que os grupos sejam homogêneos, contendo de 10 a 15 pessoas, sem a presença de técnicos ou pessoal administrativo.

### Avaliação e Perspectivas

Nestes dois primeiros meses, como afirmamos, temos realizado exibições para públicos diversos. É nossa intenção nos dois próximos meses dirigirmos as atividades principalmente para as pajens.

Se esta amplitude tem sido bastante satisfatória, na medida em que os pontos levantados têm coberto diversas facetas do trabalho na creche, consideramos também que será muito difícil a elaboração de observações e reflexões mais generalizáveis sem que ocorra um certo aprofundamento de aspectos específicos.

## APRESENTAÇÃO DO VÍDEO "PAJENS"

DATA	LOCAL	NÚMERO DE PARTICIPANTES
Várias sessões em abril	Pesquisadores/Fundação Carlos Chagas	
06/04/84	Censo sobre direito da mulher/Santo André	Auditório
07/05/84	Comissão especial de inquérito sobre creches	40
10/05/84	CEPAN - Fundação Faria Lima. Estudantes, técnicos e supervisões de creches	15
21/04 e 12/05/84	Creche da PUC	18
15/05/85	Creche do Jardim Catanduva*	15
22/05/84	Apresentação no auditório da Fundação Carlos Chagas (pessoal técnico, administrativo das diferentes SURS, entidades particulares e oficiais)	35
28/05/84	Apresentação no auditório da Fundação Carlos Chagas (principalmente pessoal técnico, administrativo e pajens da SURS de Pinheiros)	40
01/06/84	Seminário Zahidêe Machado Neto/Salvador	30
05/06/84	Creche da Vila Alba*	15
06/06/84	Núcleo de Estudos Mulher/Rio de Janeiro	20
07/06/84	Creche Municipal de Vila Maria**	-
08/06/84	Apresentação no auditório da Fundação Carlos Chagas (para os funcionários) - 2 sessões	20
11/06/84	Creche da Fundação Faria Lima; Creche da USP	15
12/06/84	Creche da Prefeitura de Osasco (apresentação inserida em um treinamento de dirigentes de creche)	40
14/06/84	Departamento Regional de Educação de Itaquera (técnicos e dirigentes)	30
16/06/84	Creche Nathalia Roseburgo - Campo Limpo (técnicos e pais)	35
18/06/84	Escola da Vila - Butantã (apresentação dentro do curso de formação de professores de pré)	10
20/06/84	Curso de Psicologia da PUC - Pós-Grauação	30
25/06/84	Casa da Mulher do Grajaú*	18

\* Locais onde as crianças assistiram o vídeo.

\*\* Na Creche da Vila Maria, a aparelhagem de vídeo e T.V. não se ajustaram, ficando cancelada a apresentação.

## APRESENTAÇÕES JÁ PROGRAMADAS

DATA	LOCAL
26/06/84	Movimento de Luta por Creche
27/06/84	Faculdade de Educação da USP
28/06/84	Creche Municipal do Jardim São Jorge
30/06/84	I Encontro de Pré-Escola
02/07/84	Creche das Linhas Corrente — Vila Ema
03/07/84	Creche das Linhas Corrente — Ipiranga
06/07/84	Movimento de Creche Conveniada
24/07/84	Creche do Jardim Japão
26/07/84	FEAC — Campinas
31/07/84	Creches Diretas de Vila Mariana
02/08/84	EMEIs e CEIs de Atibaia
06/08/84	EMEIs e CEIs de Atibaia

## 2. "ENCONTRO DE PAJENS"

Apesar da qualidade da filmagem estar muito distante de um padrão técnico ideal (o que se nota através da instabilidade da câmera e principalmente da inadequação da cor), consideramos que seria importante, dada a quase que inexistência de outros materiais, editarmos assim mesmo as cenas gravadas durante o Encontro de Profissionais da Creche (vide Anexo nº ).

Para a realização desse trabalho de edição contamos também com os serviços profissionais da Cia. Paulista de Vídeo.

Optamos, inicialmente, tendo em vista a qualidade da filmagem que a edição deixaria transparecer por uma produção mais amadora. Assim, por exemplo, ao invés dos créditos serem registrados através do computador usamos cartazes, confeccionados manualmente, semelhantes aos utilizados em cinema mudo. Também optamos (tendo em vista também razões ligadas ao custo) que a narração do vídeo não fosse efetuada por locutora profissional mas por uma das pesquisadoras da equipe.

A seleção do material que deveria constar do vídeo foi feita com base em dois critérios: cenas que permitissem ao espectador apreender o clima dominante no Encontro; cenas, cujas falas contivessem propostas ou levantassem problemáticas consideradas importantes.

O trabalho de edição propriamente dito consistiu em rever e selecionar as cenas registradas durante o Encontro; transcrever o material verbal das cenas selecionadas, entregá-lo e ordená-lo; preparar um texto introdutório; selecionar e integrar as músicas.

Dessa edição resultou um vídeo (sistema VHS) com duração de 15' que temos preferido projetar em branco e preto (dada as condições precárias de filmagem, acima mencionadas).

Sua difusão está sendo feita simultaneamente ao vídeo "Pajens" e, de um modo geral, sua receptividade tem sido boa, principalmente entre técnicos e supervisores de creches. De um modo geral as avaliações têm vindo no sentido de que complementa o material contido no vídeo "Pajens", permitindo que alguns temas (como a relação entre mães e pajens e a questão da sexualidade) sejam apreendidos de forma mais satisfatória.